

PEDRINA DE LOURDES SANTOS: MEU ROSÁRIO, MINHA GUIA

**Organização:
Ester Antonieta santos
Luciana de oliveira**

Editora Selo PPGCOM/UFMG

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P371

Pedrina de Lourdes Santos: meu rosário, minha guia /
Organizadoras Luciana de Oliveira, Estr Antonieta Santos. –
Belo Horizonte, MG: PPGCOM/UFMG, 2022.
14 x 21 cm - (Limiaries; v. 1)

Inclui bibliografia
978-65-86963-69-4

1. Saberes tradicionais. 2. Oralidade. 3. Santos, Pedrina de
Lourdes. I. Oliveira, Luciana de. II. Santos, Ester Antonieta.
III. Série.

CDD 901.51

Elaborado por Maurício Armormino Júnior – CRB6/2422

Sumário

	prefácio	10
	Apresentação	12
1	“sobrevivi na luta e para a luta” <i>Notas biográficas de Pedrina de Lourdes Santos</i>	14
2	caminhos e territórios de ensinar–aprender–re–existir: reinado e comunicação intermundos	30
	2.1 Reinado dos <i>Minkisi</i>	33
	2.2 Reinado como cura da ferida colonial que ainda dói	61
	2.3 As experiências de Reinadinho: comunicação intergeracional e autorreparação do trauma	67
	2.4 Tecnologias, mediações e agências não-humanas	70
	2.4.1 A sabedoria dos instrumentos e dos cantos	71
	2.4.2 A sabedoria das folhas	75
	2.4.3 O poder do Rosário como meio	77
3	trabalhos acadêmicos e produções artísticas que contaram com a colaboração do pensamento–ação da capitã Pedrina de Lourdes Santos	116
4	depoimentos, cartas e outras manifestações de apoio à candidatura de Pedrina e reconhecimento de seu notório saber	124
5	referências	140
6	créditos	152

A grafia de termos específicos do universo das religiões de matriz africana no Brasil utilizados no decorrer do presente livro segue a forma da escrita nas línguas dos povos bantu de Angola-Muxicongo, compreendendo as línguas kimbundu, kikongo e umbundu, de acordo com orientações da Capitã Pedrina em face de suas pesquisas linguísticas.

ela vem lá do ~~congado~~ reinado',
de galanga, de dominga.
ela tem no seu bailado
congo-rei, rainha-ginga
neta de vovó cambinda,
dançarina e feiticeira
sua cabeleira é linda,
Lembra o vento na palmeira.
quando chega ela é bem vinda,
balançando a cabeleira,
quando samba a gente brinda
pela raça brasileira.
ela vem lá do ~~congado~~ reinado,
de galanga, de dominga.
ela tem no seu bailado
congo-rei, rainha-ginga
ela canta em língua banto
que vovó passou pra ela,
quando dança puxa um canto
da falange de benguela.
Não sei se dança pro santo
ou se o santo é que dança nela,
sei que a dança é forte, tanto
quanto a de Nelson Mandela.

{falange sérgio santos / paulo cézar pinheiro}

1 Correção feita pela Mestra Pedrina na letra da música, tachando a palavra congado e substituindo-o por Reinado, por razões que serão explicitadas mais adiante.

que nós nunca nos esqueçamos disso, nós somos dois domínios. E cada um com a sua força, com seu saber e com a sua sabedoria. E nós estamos aqui num momento em que o mundo está precisando muito, nós todos estamos precisando muito, e o objetivo é trocar essa informação. ninguém é tão ignorante que não possa doar nada, e ninguém não é tão sábio que não possa aprender mais.

os meus agradecimentos a Ngana N'zambi, à mona dya N'zambi, à piembê, undanba berê berê ou santa manganá ou Angana Mussambi, Angana Libambu, Ngana kuriá, por esta oportunidade, por eu ter nascido numa família de negros, mas, como se dizia na escravidão: de negros sabidos. de negro que nunca abaixou a cabeça, para as imposições de quem quer que seja.

capitã pedrina de Lourdes santos

PREFÁCIO

Falar de Pedrina, pra mim, é falar de força, de axé, de resistência. É falar da grandiosidade de uma mulher que carrega toda uma ancestralidade africana. Uma mulher que honra as suas forças, honra o seu povo negro. É falar de uma luz que carrega todo um conhecimento, todo um entendimento de quem é ela mesma, da forma de ver o outro e de ver todo esse axé que emana dos povos africanos.

É uma capitã que a gente olha pra ela e vê junto dela uma árvore que traz não só essa grande raiz, mas os seus galhos frondosos, os seus frutos frondosos. Traz um caule muito forte, e aonde ela vai, ela espalha essa sabedoria e entendimento. E não é só isso, eu vejo também uma grande humildade, um ser de luz que tem muita humildade, porque, quando a gente fala de força, de poder, de energia, a humildade tem que estar junto, e a gente percebe também que a humildade também não falta.

A Capitã Pedrina, pra mim, é uma pessoa muito iluminada dentro do Reinado. Uma pessoa que a gente olha pra ela e recebe força, recebe sabedoria, recebe luz, porque ela não carrega isso tudo só pra ela, ela emana e transmite isso pra qualquer um que necessitar.

Pra mim, é um prazer muito grande quando eu encontro com a capitã Pedrina no reinado. Eu sinto toda essa energia e toda essa força que ela consegue transmitir. O interessante é que, quando ela está no reinado, a gente vê uma pessoa e, quando ela está fora do reinado, a gente vê outra pessoa. Na verdade, a gente está falando de ancestralidade e de transcendência. Quando a gente encontra com o nosso transcendente, a gente transcende. Eu consigo enxergar nela essas duas pessoas, consigo enxergar na Pedrina esses dois seres de luz que emanam muita força para nós.

É um ser que a gente sabe que, quando faz uma oração, a terra treme e o céu se abre. É assim que eu vejo Pedrina. Uma pessoa que a gente percebe que tem muito conhecimento e que já teve várias vidas pra ela ter essa humildade que ela carrega com ela. É um encantamento conviver com Pedrina. Pra mim, é um prazer muito grande perceber a sabedoria dessa grande mulher.

Geralmente, essas pessoas que conheço dentro das Irmandades e que trazem essa grande ancestralidade, esse grande entendimento do ser humano, costume chamá-las de tambor grande, e Pedrina é um tambor grande, que vai bater ainda muito tempo aqui com a gente, e que todos que a conhecerem também recebam um pouquinho desse axé, dessa vibração, desse toque de tambor grande por meio deste livro.

Eu sou muito grata por conhecer a Capitã Pedrina, por ser abençoada por ela quando eu me encontro com ela. Pra mim, é um grande prazer. Que Deus dê a ela muita saúde e muitos anos de vida, muita sabedoria pra poder continuar junto com a gente ainda por muito tempo. Espero que seja um grande prazer para você, leitor e leitora, conhecê-la um pouco também por meio deste livro.

Maria Goreth Costa Heredia Luz

*Rainha da Estrela da Guia da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário
na Comunidade dos Arturos - Contagem - MG
Professora da Rede Pública de Ensino Fundamental*

APRESENTAÇÃO

À MESTRA, COM CARINHO: SEU ROSÁRIO, NOSSO ROSÁRIO

No ano de 2020, reunimos um grupo de admiradores/admiradoras, parceiros/parceiras e aprendizes da capitã Pedrina de Lourdes Santos que, de pronto, se colocou à disposição para a produção de seu Memorial Descritivo, peça fundamental para proposição de sua candidatura ao Notório Saber na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)¹. O trabalho ficou tão rico em informações que nos despertou o desejo de publicizar a caminhada e os feitos da capitã Pedrina, bem como apresentar todo um levantamento de informações acadêmicas, culturais e artísticas que foram possíveis documentar e que demonstram, de forma incontestável, sua biografia notável. Foi em face desse resultado que decidimos trazer ao público, junto com o livro de autoria da capitã Pedrina e intitulado “Eu tenho a África dentro de mim”, o presente volume que nominamos junto com a Capitã, “Pedrina de Lourdes Santos: Meu Rosário, Minha Guia”.

1 O documento é uma exigência da Resolução Complementar 01/2020 da UFMG.

Esse livro compreende 60 anos de história da capitã Pedrina e busca, de forma respeitosa e fidedigna, registrar suas múltiplas vivências, ensinamentos e formas de ação no mundo que ela, com alegria e perseverança, presenteia dadivosamente a todo momento. Pedrina possui um vínculo ancestral com o Reinado, uma herança recebida do pai e da mãe, ambos líderes na ritulística do massambike: o pai capitão Leonídio João dos Santos do terno de massambike de Nossa Senhora das Mercês e a mãe, Ester Rufina Borges, Rainha Konga do terno de massambike de Santa Efigênia. Seja no gesto de dar continuidade às tradições e conhecimentos afrodiaspóricos dos saberes ligados ao Reinado e às comunidades reinadeiras, seja no próprio conhecimento do fazer comum - que nominamos comunicação intermundos - que envolve uma ampla quantidade de ontologias e possibilidades do ser em comum. Seja em falas públicas e aulas que ela ministra no intento de valorizar e expandir uma ética do cuidado num mundo que, hegemonicamente, se rege pelas colonialidades do poder, do saber e do ser, pela lógica dos fins e pelo individualismo extremo, seja nos difíceis e permanentes exercícios de autorrecuperação, autodefinição e autorreparação em contextos estruturalmente racistas, patriarcais e classistas, mestra Pedrina segue re-existente.

Nosso trabalho envolveu revisitar minuciosamente especialmente duas pesquisas acadêmicas em nível de doutorado: a primeira que se ateve ao registro biográfico e etnográfico de suas experiências de vida (SOARES, 2016) que são também histórias de reinvenção de relações com a espiritualidade e de conhecimento; a segunda, se ateve à compreensão de seu estilo filosófico e seu modo de viver, sentir, pensar e expressar os conhecimentos tradicionais no Reinado ancestral junto à comunidade dos Leonídios e mais especificamente junto às gerações presentes ainda em processo de formação (ALTIVO, 2019). Além disso, envolveu também conversações e entrevistas com a própria mestra Pedrina, atualizando informações não contidas nas teses citadas, sobretudo no que tange à estruturação do entendimento que ela tem sobre o Reinado ancestral em suas correlações com o kandomblé de Angola, matriz na qual se iniciou em 2016. Esse trabalho de pesquisa e estruturação do Memorial junto com a mestra, também envolveu o detalhamento da forma como ela concretiza cada um dos momentos do Reinado em sua Irmandade; a coleta de diversos depoimentos - tanto de outros e outras lideranças do Reinado, quanto de intelectuais, artistas, pesquisadores e pesquisadoras -, dos quais, ao final do livro, destacamos alguns dos trechos que atestam o reconhecimento

ao trabalho que a Capitã realiza nos mais variados espaços em que ela circula, dentro e fora do Reinado.

As formas de conhecimento de mestra Pedrina têm uma origem coletiva e territorial em base a um legado de memórias ancestrais que se produzem e reproduzem por meio de relações comunicacionais com diversas agências humanas e não-humanas, dentre as quais, primeiramente, destaca-se a guiança da espiritualidade. Costumamos brincar entre nós que a mestra prefere dialogar com o povo do mundo “de lá” do que com as pessoas encarnadas que habitam esse mundo em que vivemos. As palavras, os cantos, os gestos, a dança e tudo o que ela traz ao mundo não são de sua propriedade individual, são mensagens pronunciadas em seu corpo guiadas e intencionadas na relação com o mundo espiritual. Trata-se de todo um regime ancestral de conhecimentos que não depura o que é ciência, tecnologia, magia, religião, ética, estética e política. Afinal, sua vida exemplar é também comunitária e se produz nos vínculos do Rosário: conta a conta, a vida de uma é a vida de todas. Um arco da vida que compreende vivências e oralituras que têm um estilo, mas que não se fazem só.

Em face disso, o caminho institucional escolhido para a proposição de sua candidatura ao Notório Saber na UFMG se deu no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social. Apesar de graduada em Ciências Contábeis e pós-graduada em Contabilidade Pública, o que lhe possibilitou garantir o sustento da família como bancária na Caixa Econômica Federal, a Capitã jamais se afastou de suas responsabilidades como uma das líderes de sua comunidade de referência. Isso implicou ativar um modo de vida no qual formas de comunicação multidimensionais compósitas e delicadas que ativam diversas temporalidades, diversas espacialidades, diversas agências e colocam em relação diversos mundos. Tal conduta exigiu de Pedrina a construção de uma laboriosa rede de comunicação e de conhecimentos transversais que pudesse garantir a formação das novas gerações, norteadas pela afirmação afrodiáspórica no trânsito intermundos. Em tal circunstância, os processos comunicacionais são imantados pela cosmopolítica que os atravessa e constitui, bem como pela multimodalidade que os articula. Os saberes comunicacionais da mestra Pedrina, operam mediações em pelo menos três níveis: o de memória ancestral, ligado às religiosidades de matriz africana; o intergeracional; e o político ou cosmopolítico que incide em arenas públicas, fóruns de debates e espaços de conhecimento para além da comunidade reinadeira.

Como dito anteriormente, a redação do memorial foi realizada por uma equipe de pesquisadores composta por Bárbara Regina Altivo - Doutora em Comunicação Social/UFMG, Dalva Maria Soares - Doutora em Antropologia/UFSC, Ester Antonieta Santos - Mestra em Comunicação Social/UFMG, Washington Luís Santos Oliveira - Mestrando em Comunicação Social/UFMG e Fred Mendes - Doutorando em Comunicação Social/UFMG, sob a coordenação da Capitã Pedrina Lourdes Santos e de Luciana de Oliveira - Professora do Departamento de Comunicação Social/UFMG e do PPGCOM/UFMG. A equipe envolve tanto pesquisadores e pesquisadoras da universidade (Dalva Maria Soares, Bárbara Altivo, Fred Mendes e Luciana de Oliveira) quanto aprendizes de Pedrina no Reinado que agora estão também em diálogo com a pesquisa acadêmica em Comunicação Social (Washington Luís e Ester Antonieta Santos). Além disso, contou com os registros fotográficos de André Santos, Marco Antônio Sá, Myriam Villas-Boas (*In memorian*) e Davi Marques, além de imagens oriundas do acervo familiar da Capitã. Somos pura gratidão a essa turma que se sintoniza no amor à Capitã Pedrina e tantas outras frentes de luta, engajamento, cura e amizade! Como organizadoras, nos coube reunir os aportes individuais, complementá-los, quando necessário, junto com a Capitã Pedrina, e cozê-los com amor, verdade, respeito e desejo de justiça. Além disso, conduzimos junto com a Capitã Pedrina o trabalho de *design* gráfico que, tal como afirma Ester faz parte da transcrição da oralitura ao registro escrito², junto à sensível equipe da Amí Comunicação e Design - de quem destacamos os nomes de Ronei Sampaio, Pabline Félix, Ana Cecília Souza e Thiago Prata. Nesses processos de *design*, agradecemos pela concretização do projeto gráfico graças às mãos mágicas, hábeis e sensíveis de Talita Aquino na diagramação do livro.

Assim como o trabalho de Pedrina tem por objetivo a cura do corpo físico e do corpo espiritual, desejamos que esse livro possibilite o entendimento, o reconhecimento e a conexão da leitora e do leitor com suas raízes ancestrais.

Ester Antonieta Santos

Luciana de Oliveira

² SANTOS, Ester Antonieta. Põe Sentido. Das performances orais ao livro: poéticas-saberes-resistências de Pedrina de Lourdes Santos. Belo Horizonte, Dissertação de Mestrado/PPGCOM/UFMG, 2021.



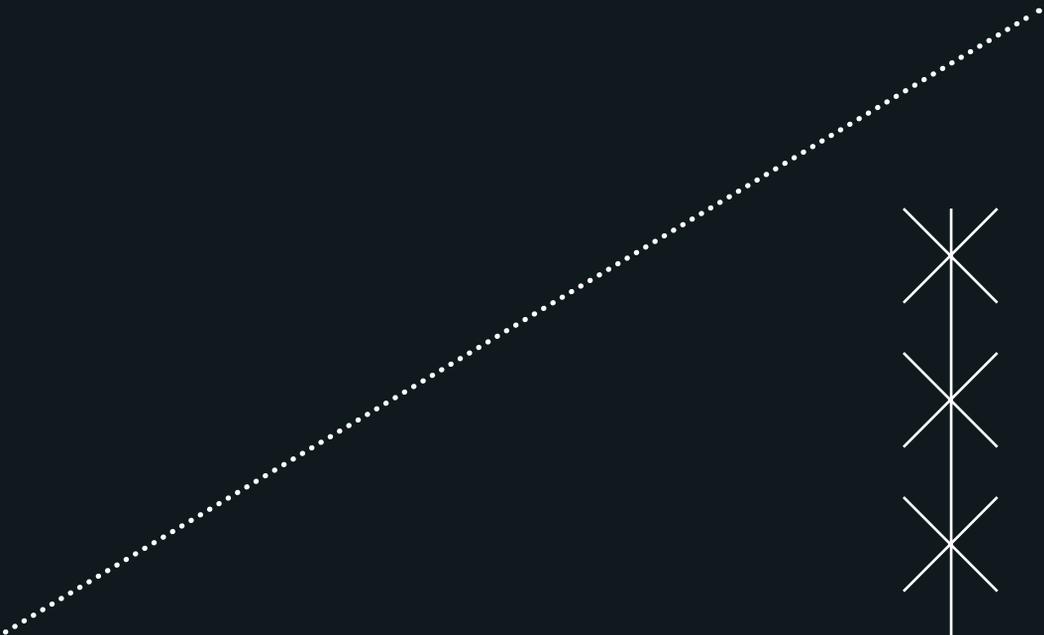
Amoreira

“SOBREVIVI NA LUTA E PARA A LUTA”

Notas biográficas de
Pedrina de Lourdes Santos*



* Essa seção baseou-se na tese de doutorado de Soares (2016), na apresentação de Pedrina de Lourdes Santos feita pela autora na Segunda Preta (2018) e em depoimentos colhidos com a Capitã para a composição deste livro (2020/2021).



*pedrinha miudinha
pedrinha na Aruanda, ê!
Lajedo tão grande
tão grande na Aruanda, ê!
– ponto da umbanda*

*“Muitos do plano espiritual (entidades da umbanda)
me chamam de sá pequena. Mas pai tira-teima –
um angolano que relatou que veio nas primeiras
levas de negros, nos navios negreiros para o Brasil,
me disse um dia: “tu sabe porque te chamam de
pequena? Não é pelo seu tamanho não porque do
lado de cá tu não tem este tamanho, mas é porque
tu é muito é atrevida”
pedrina de Lourdes santos*

O significado de Pedrina é “pedra pequena, pedra valiosa”, diz o dicionário de nomes. E a mulher cuja vida e obra será descrita neste livro-memorial é assim mesmo: pequenininha e preciosa. Nasceu prematura, no sexto mês de gravidez de Dona Ester Rufina Borges, e chegou a ser desenganada pelos médicos. Dona Ester, a matriarca da Irmandade dos Leonídios, guiada por sua fé, construiu uma incubadora caseira, com tijolos aquecidos no fogão a lenha e enrolados em jornais e panos. Colocados em volta da menina, eram o que mantinha o pequeno corpo aquecido.

Foi em 21 de fevereiro de 1961, na cidade de Oliveira¹, interior de Minas Gerais, que Pedrina de Lourdes Santos nasceu, e, aos onze anos de idade, começou a dançar no terno de Nossa Senhora das Mercês quando seu pai, o capitão Leonídio João dos Santos, não conseguiu reunir o número de homens suficientes para sair às ruas, e permitiu que ela e outras jovens saíssem no terno. Com a morte do pai, em 1980, Pedrina assumiu, no ano seguinte, junto ao irmão Antônio, a capitania do *Terno¹ de Massambike² de Nossa Senhora das Mercês*. Pedrina é considerada a primeira capitã de *massambike* do estado de Minas Gerais, e completa, no ano de 2021, quarenta e nove anos de Festa do Rosário, sendo trinta e nove ocupando o posto de capitã.

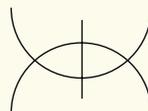
O pai de Pedrina era pedreiro; a mãe, parteira. Ambos benzedores, conhecedores de plantas e raízes; ambos católicos, reinadeiros e umbandistas. O pai era capitão do terno de *massambike* de Nossa Senhora das Mercês; a mãe, rainha *konga* do terno de *massambike* de Santa Efigênia. Contrariando as estatísticas da prole numerosa a que pertencia (Pedrina foi a décima sétima a nascer numa prole de vinte e um filhos, dos quais treze faleceram por aborto espontâneo ou doenças infantis), a pequena sobreviveu. E cresceu. Cresceu vendo a luta do capitão e da rainha *konga* do reinado da cidade de Oliveira para realizarem a Festa de Nossa Senhora do Rosário. Cresceu vendo a movimentação no terreiro, vendo o cuidado e o zelo de Dona Ester e Capitão Leonídio com a Festa. Cresceu vendo a casa sempre cheia de pessoas à procura de conselhos, chás e rezas.

O pai e a mãe realizavam reuniões de Umbanda em um terreiro que foi violentamente apedrejado e, por isso, fechado. Segundo Pedrina,

1 Terno é um termo usado no tempo da escravidão para designar um grupo de negros escravizados.

2 *Massambike* vem do vocábulo *musambike*, da língua *kimbundu* do povo Bantu e significa dança sagrada que veio de Angola. Vários outros ternos e irmandades têm optado por usar Moçambique, mas nas vivências de Pedrina ela prefere por dar razão à sabedoria dos antigos, muitas vezes lida como “um falar errado”.

receosos de mais violência, os pais passaram a realizar as sessões na própria residência, e, como forma de proteger os filhos do racismo religioso numa cidade cuja presença da Igreja católica oficial era e é ainda muito forte, o casal encaminhou os filhos para uma formação intensa no catolicismo. Aos 12 anos, lia com gosto uma bíblia ganhada de presente do Capelão da Igreja dos Passos, Múcio Lo-Buono. Também fez parte do Coro *Mater Dolorosa* na mesma Igreja, onde aprendeu cantos em latim, ladainhas e missas solenes. Por inúmeras vezes, fez cantos solos e coroou Nossa Senhora. Já adulta, Pedrina fez parte da Confraria Nossa Senhora das Dores, da Sociedade São Vicente de Paulo e da Renovação Carismática Católica. Ministrou cursos de batismo, de noivos e coordenou encontros de casais.



Desde muito pequena, Pedrina alimentou o sonho de se tornar médica para cuidar das pessoas. Por conta disso, sempre foi muito estudiosa, tirava boas notas e era muito elogiada por professoras e professores. O sonho foi ficando distante quando se sentiu na obrigação de começar a trabalhar para ajudar os pais nas despesas da casa, que eram altas, não só por conta do tamanho da família, como também por causa dos gastos realizados anualmente com a Festa do Rosário.

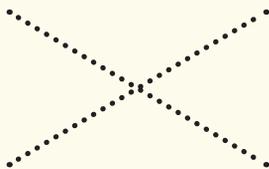
Assim, aos 17 anos de idade, Pedrina começou a trabalhar em um escritório, sendo obrigada a transferir os estudos para a noite. A mudança provocou dias de choro na adolescente, não só porque o ensino noturno era bem diferente do diurno, mas também porque o único curso disponível era o de contabilidade. O foco agora eram as disciplinas da área das ciências exatas e não as biológicas, fundamentais para quem queria cursar medicina. Mesmo assim, Pedrina não desistiu e tentou o vestibular na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais. Não passou e acabou fazendo outro exame, desta vez para Ciências Contábeis, em uma faculdade privada de Divinópolis, cidade próxima a Oliveira, e continuou trabalhando durante o dia e estudando à noite.

Em 1979, o pai adoeceu e, pela primeira vez desde os sete anos de idade, o capitão não participou do Reinado. Dona Ester decidiu, então, mudar-se para Belo Horizonte para cuidar da saúde do marido. Como precisavam de alguém que pudesse comprovar renda para alugar um imóvel na capital, Pedrina trancou a matrícula na faculdade, realizou testes numa empresa na cidade e conseguiu uma vaga em um escritório de contabilidade. Pouco tempo depois, Dona Ester decidiu retornar com o marido para a cidade de Oliveira.

Em 1980, Pedrina casou-se e voltou a morar em Oliveira. Começou, então, a trabalhar no Instituto Brasileiro do Café (IBC), uma autarquia do governo federal, com sede na cidade de Santo Antônio do Amparo-MG. Cinco anos depois, ela foi transferida para a capital, para onde mudou-se novamente, agora com o marido, a filha Ester e seu segundo filho, Domingos, de quem estava grávida.

Após onze meses do nascimento de Domingos, nasceu Pedro, seu terceiro filho. O salário no IBC era pouco, Pedrina decidiu tentar um concurso para a Caixa Econômica Federal. Era outubro de 1988 e uma colega de trabalho deu-lhe algum dinheiro para que comprasse guloseimas para os filhos e a filha, pois era Dia das Crianças. Pedrina acabou usando este dinheiro para comprar uma apostila do concurso em uma banca de jornal. A correria que levava trabalhando fora e cuidando da casa e dos filhos era tal, que mal conseguiu ler parte do material. Mesmo assim, não desistiu e foi fazer a prova. Só teve a dimensão do que era um concurso para um cargo público federal quando chegou ao centro da cidade e viu todos os pontos de ônibus tomados por candidatos e candidatas a caminho do exame.

Este momento de importante decisão na vida de Pedrina foi, segundo ela, seu primeiro contato com Exu. Ela estava agora diante de uma encruzilhada, um momento de decisão, de tomada de posição. Já tinha completado 27 anos e, na época, a idade máxima para participar de um concurso público era 28. Somado a isto, as dificuldades financeiras exigiam um emprego com um salário melhor, o que só aumentava a pressão para que ela passasse nas provas. Aquela era, portanto, sua última chance de se tornar funcionária pública e ter todas as garantias de um emprego desta natureza. As salas de provas eram organizadas pelos nomes dos candidatos em ordem alfabética. Na de letra “P”, onde realizou a prova, era a única mulher. Ela passou no concurso e tomou posse no novo emprego. Agora, empregada, com maior estabilidade, trabalhando meio período, decidiu voltar a estudar e assim ampliar as possibilidades na carreira bancária.



Prestou, então, novo vestibular para uma faculdade particular em Belo Horizonte. À época, casada e mãe de três filhos, com jornada tripla de trabalho, mãe, trabalhadora e estudante, enterrou de vez o sonho de cursar medicina, que exigiria dedicação exclusiva. Decidiu retomar o curso de ciências contábeis, já iniciado na cidade de Divinópolis, quando morava em Oliveira. Com o novo emprego, estudava de manhã, trabalhava à tarde e dedicava-se aos filhos e às obrigações da casa à noite.

Mesmo depois de concluída a graduação, Pedrina ainda ficou por nove anos exercendo a função em nível médio. Só quando mudou de agência teve a oportunidade de trabalhar como caixa, gerente e depois participou de um processo interno se tornando analista, cargo que exigia nível superior. Apesar de serem sessenta candidatas para uma única vaga, Pedrina foi aprovada e passou a exercer a função de analista júnior.

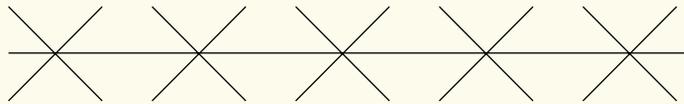
Trabalhar numa empresa pública, com um plano de cargos e carreiras, bem como trabalhadores politicamente organizados em um sindicato forte foi fundamental para o crescimento pessoal e profissional de Pedrina. Alguns anos depois, já era analista plena, mas, para ser sênior, era necessária uma pós-graduação. Com o incentivo da empresa, que pagava 70% da mensalidade, Pedrina iniciou o curso de especialização em contabilidade pública, sendo a primeira colocada na seleção da Universidade Federal de Minas Gerais. Quando se aposentou, Pedrina já ocupava o cargo de analista sênior e, se não fossem os planos econômicos governamentais dos anos 1990, que impuseram grandes perdas salariais aos trabalhadores e às trabalhadoras, teria, segundo ela, se aposentado com um bom salário.

Foram muitas as batalhas que Pedrina teve que enfrentar por ser mulher e negra³. Segundo ela, “quando se é negro não é suficiente ser bom, tem que ser ótimo, excelente”, pois os desafios são muito maiores. Ser mulher e ser negra não são questões distintas, mas sim que se sobrepõem, se combinam e afetam sua vida. São interseções que impactaram suas escolhas, afetando suas condições materiais e subjetivas alterando os lugares e as práticas por onde ela transita, bem como a elaboração do vasto arsenal de conhecimentos e seu estilo de pesquisa, manutenção e transmissão. É nessas interseções que Pedrina tem erguido sua voz contra o racismo e o sexismo, contra os maus tratos às pessoas mais humildes e injustiçadas. Com a Festa do Rosário e com seu corpo, a Capitã tem construído sua comunidade, inscrito uma linguagem inventiva e ocupado os espaços públicos para atuar na cura das feridas coloniais e contra as desigualdades que operam sob a forma da colonialidade no contemporâneo. Por isso ela sempre insistiu não só com os filhos e a filha, mas com todas as crianças e jovens com quem convive sobre a necessidade de estudar e pesquisar. Tanto nas escolas formais eurocentradas quanto nas comunidades afrodiáspóricas e seus modos de ensino-aprendizagem afrocentrados.

Sua trajetória no Reinado, iniciada em 1972 como dançante, também é uma trajetória de luta e superação. Nove anos depois, após a morte do pai, assumiu a capitania do *massambike* de Nossa Senhora das Mercês. Por ser mulher, teve que aprender sobre os fundamentos apenas observando, pois o pai só os ensinava ao irmão. O caminho para se afirmar numa manifestação tradicionalmente masculina foi longo. É verdade que as mulheres sempre estiveram presentes na organização dos festejos; os espaços ocupados por elas,

3 As mulheres negras vivem a chamada dupla opressão – de gênero e de raça –, que são atributos de “outrificação”. De acordo com Bárbara Christian, (apud COLLINS, 2019, p. 136), “a mulher africana escravizada se tornou a base da definição do *Outro* em nossas sociedades”. Vale dizer que *outros* nunca poderão ser parte da sociedade, são estranhos. Por outro lado, também por conta das opressões de gênero e raça, as mulheres negras são objetificadas, e a objetificação é o núcleo de funcionamento dos sistemas binários de pensamento: um elemento é objetificado como *Outro* e tomado como um objeto a ser manipulado e controlado, sustentando a divisão entre *eu cognoscente* e *objeto cognoscível*. A objetificação também se nutre da divisão binária entre natureza e cultura: a cultura é oposto de uma natureza objetificada. Por isso precisa ser dominada, sob o risco de destruir a cultura civilizada. A identificação das mulheres com a natureza é fundamental para objetificação das mulheres pelos homens. Assim como na manutenção dos racismos, definir pessoas negras como menos humanas, animais e “naturais” nega sua subjetividade e corrobora com a economia política da escravização nas formas do neocolonialismo contemporâneo (COLLINS, 2019).

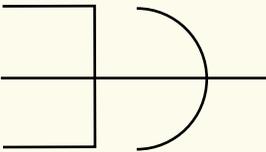
porém, diferiam daqueles atribuídos aos homens. Durante muitos anos, só era permitido às mulheres participarem como rainhas, princesas, bandeireiras ou juízas; também podiam se responsabilizar pelos enfeites e pela preparação da comida; no entanto, não tinham permissão para dançar ou tocar instrumentos, nem para a capitania dos ternos. A presença feminina nessas funções, antes exercidas exclusivamente por homens, foi o resultado de uma transformação iniciada por volta da década de 1970. Foi longa a caminhada até ser respeitada como capitã, pois muitos, até mesmo na própria Irmandade, riam quando ela iniciava um canto. Capitães de Irmandades tradicionais de Belo Horizonte e Região Metropolitana não a cumprimentavam, e, durante muito tempo, tiveram o receio de estar infringindo algum fundamento ritual. No entanto, nenhum capitão que ela questionou conseguiu responder por que motivo a mulher não podia dançar ou tocar.



Com o tempo, Pedrina foi se firmando como capitã. Hoje, tem seu nome conhecido e reconhecido dentro e fora do Estado e até mesmo fora do Brasil. Em 2005, no ano do Brasil na França, esteve em Paris com a Irmandade Os Leonídios e outras, representando o estado de Minas Gerais. Em 2006, recebeu a Medalha da Inconfidência, em Ouro Preto, concedida pelo Governo do Estado de Minas Gerais a pessoas que contribuíram para o prestígio e a projeção de Minas e do país. Mas Pedrina não é só capitã de Reinado: é muito mais. É um misto de assistente social, psicóloga, militante antirracista, educadora, mãe, avó, zeladora, entre tantas outras funções que desempenha. Sua vida gira em torno das atividades espirituais do Reinado, da Umbanda e, mais recentemente, do *Kandomblé*, que exigem muito trabalho durante o ano inteiro. Para desempenhar todos esses papéis e marcar presença em tantas frentes de trabalho, a Capitã Pedrina é uma comunicadora que conhece profundamente os processos comunicativos em

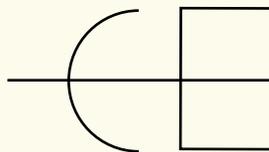
suas dimensões interacionais e imagéticas, além de uma líder que pratica uma visão estratégica vivida da comunicação e possui habilidades de atuação com diversos públicos e nos espaços públicos.

Mas isso não é tudo. O Reinado, a Umbanda e o *Kandomblé* são lugares de encruzilhada na vida de Pedrina. É onde convergem suas experiências religiosas. Não só em termos cosmológicos com os santos, espíritos, *Minkisi*⁴ e entidades espirituais, como também no campo social. Os públicos, ou seja, os ouvintes de Pedrina, são diferentes nas diversas vivências religiosas, mas o Reinado tem sido um lugar de síntese das suas diversas e incessantes pesquisas e um lugar onde ela constrói, de maneira peculiar, um trabalho de afirmação afrodiaspórica (em detrimento de matrizes cristãs ou de visões folclorísticas, exotizantes e espetacularizantes). Durante a Festa de Nossa Senhora do Rosário, a Casa Azul⁵, da família dos Leonídios, em Oliveira, recebe não só parentes biológicos, mas também parentes de santo, além de produtores culturais, pesquisadores, políticos, artistas e todo tipo de visitante e pessoas interessadas em conhecer o trabalho da Irmandade.



4 *Minkisi* é o plural de N'kisi, que são energias espirituais puras ligadas aos elementos do que a filosofia ocidental chama de natureza. Trata-se de um extenso panteão de existências conformando um amplo e denso arcabouço mito-poético e sagrado. A título de ilustração, algumas dessas energias são nominadas como Kaiaia, Nzambi, Mutakalambô, Nzazi, Matamba, Dandalunda.

5 A Casa Azul era antes o espaço de moradia da família do Seu Leonídio e de Dona Ester. Mestra Pedrina e seus familiares mudaram dessa casa quando ela tinha 13 anos de idade. Com o adoecimento de Dona Ester, que a impossibilitou de morar sozinha, ela sai da Casa Azul para viver na casa de sua filha Amásia. Mais tarde, com o falecimento de Amásia, em 2006, Dona Ester foi morar na casa da mestra Pedrina até seu falecimento, em 2007. Sua antiga residência ficou para uso exclusivo do Reinado, tendo sido pintada de azul celeste por seu neto Domingos. É daí que ficou conhecida pelo nome de Casa Azul e é a sede dos Leonídios.

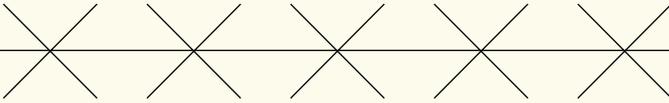


Pedrina é uma especialista em formas de comunicação multidimensionais – compósitas e delicadas – que ativam diversas temporalidades, diversas espacialidades, diversas agências e colocam em relação diversos mundos. O Reinado enquanto cura das dilacerações coloniais-escravocratas gera encontros catalizadores de comunicação entre vivos e mortos, humanos, bichos, plantas, crianças e velhos, brancos e negros, colocando em contato diferentes seres, gerações, mundos e formas de vida.

Herdado de pai, mãe e seus antepassados, segundo ela, o legado cultural de matriz africana é “muito mais importante do que bens materiais”. Pedrina ressalta que a bela festa que todos os anos enche de cor e som as ruas da cidade de Oliveira é apenas a “casca”. É preciso ter olhos para ver além do exterior, ela diz. Para que a festa aconteça, existe todo um trabalho espiritual realizado durante o ano todo. A casa de Pedrina funciona, segundo ela, como um ponto de apoio da festa, e são as reuniões mensais de Umbanda e as que ocorrem simultaneamente à Festa do Rosário que dão sustentação espiritual para os seus participantes. Toda essa base espiritual vem da matriz afrobrasileira, marca estilística de Pedrina na realização da festa que se preocupa em aprofundar, por meio de uma pesquisa sistemática, cada vez mais, os fundamentos africanos do Reinado (em contraponto a elementos do cristianismo católico ou folclóricos, como já mencionado).

Seguindo a tradição de cuidados que aprendeu em família – tanto biológica quanto da fraternidade e sororidade espirituais –, Pedrina realiza atendimentos a pessoas de todas as idades, com os mais variados problemas – de desemprego a problemas de saúde, de conflitos amorosos a dificuldades de relacionamento com os filhos. Sua trajetória é intrinsecamente marcada por sua experiência de religiosidade, a partir de suas experiências como capitã de Reinado, como umbandista, *kandomblecista* e benzedeira.

Através do Reinado, Pedrina chama a atenção para a cultura da diáspora, cantada, dançada e performada pelo corpo negro desterritorializado de seu lugar de origem e transplantado a força para outras terras. A performance reinadeira vem reinventar o desejo de sujeitas pretas e sujeitos pretos em que o comércio transatlântico de vidas humanas quis imprimir o vazio e as mais brutais rupturas ao roubar das pessoas feitas mercadorias seus nomes, suas famílias, suas terras, seus cultivos, suas divindades, suas paisagens, seus conhecimentos. Essa performance reinventa a África ancestral no coração do Brasil e faz da herança bantu um manancial inventivo de poéticas e políticas contra-colonizadoras⁶.



O Reinado, ao tomar como referência a experiência mitológica de Nossa Senhora do Rosário a grande mãe que acolhe a todos sem distinção, porém, que toma partido de seus filhos e suas filhas negras na situação de extrema violência dos processos de escravização, manifesta também fundamentos estético-políticos: seja no despertar do reinadeiro e da reinadeira, até então anônimo, para ascender da subalternidade que lhe é imposta ao protagonismo da Festa; seja ao assumir e desempenhar o importante papel de guardião/guardiã da memória ancestral afro-brasileira. Trata-se de uma história que não está nos livros, e que a Capitã Pedrina procura difundir em todos os espaços por onde circula⁷.

6 O conceito de contra-colonização é de autoria do intelectual quilombola Antônio Bispo dos Santos (2015). Se a colonização envolve os processos de invasão, expropriação, etnocídio, genocídio, subjugação e de imposição de uma cultura sobre outra sem relação com o território e transforma a terra em mercadoria, a contracolonização envolve os processos de defesa dos territórios e tudo o que neles vive realizada pelos povos afropindorâmicos (os povos afrodiáspóricos e os originários, em separado ou em aliança). Será retomado mais adiante para adensar a explicação das resistências a partir do Reinado d'Os Leonídios.

7 Junto com este livro, a Capitã Pedrina lançou um livro de sua autoria intitulado *Eu Tenho a África dentro de Mim*. Belo Horizonte, Selo PPGCOM/UFMG, 2021.

Sua trajetória de pesquisa nas religiosidades de matriz africana ganhou novas nuances a partir de 2015. Pedrina, a partir de um trabalho no qual rezou o Rosário dos negros de senzala para a entidade Pai João, foi convocada pela entidade Seu Tranca Rua das Almas e Pai Marujo⁸, para iniciar-se no *Kandomblé* e assim o fez, sob os cuidados de *Mam’etu Mavuleji* e *Tat’etu Odecidoji*, no *Nzó Atim Oyá Oderim*⁹ em 2016, da nação Angola-Muxicongo¹⁰. Recebeu a *dijina*¹¹ de *Seji Danji*. Desde então, faz de sua vida um ato político, à medida que se disponibiliza a usar vestes do *Kandomblé* a todo o tempo, afirmando sua caminhada espiritual e sua resistência na vivência espiritual dentro das religiões de matriz africana. No ano de 2021 completa cinco anos de iniciação dentro do culto afrobrasileiro dos *Minkisi* e em 2023 finalizará a primeira fase desse aprendizado digno, magnânimo, profundo, que é o *Kandomblé* e então se tornará *Nkota*¹². Encontra-se, portanto, na primeira fase de um aprendizado que é cíclico: são os primeiros sete anos, depois, mais sete anos e depois mais sete anos, completando 21 anos de formação. Hoje no *Nzó* há um terno de *massambike* e um terno de congo buscando as orientações com os ensinamentos dos ancestrais.

8 Entidade da linha dos marinheiros que trabalha com o zelador de *Nkisi Tat’etu dya Nkisi Odesidoji* (também conhecido como Pai Sidney) do *Nzó Atim Oyá Oderim*. Terreiro de *Kandomblé Angola-Muxicongo*.

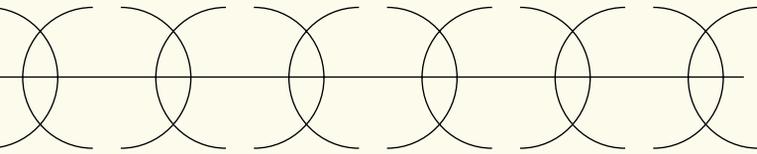
9 Terreiro de *Kandomblé*, em que aconteceu a iniciação de mestra Pedrina no ano de 2015, após o chamado espiritual. Embora seja de *Kandomblé*, iniciou sua caminhada com entidades da Umbanda e, por esta trajetória, o terreiro conta com mais de 40 anos de atuação que envolve assistência espiritual e social. Sua sede é em Juatuba, cidade da região metropolitana de Belo Horizonte, onde acontecem as principais atividades do *Kandomblé* e da Umbanda.

10 Tem como base linguística o kimbundu e cultua *Nkisi/Mukixi*. Está com seus ritos fundamentados nas tradições e cosmogonias mantidas a duras penas pelos antepassados bantu, vindos de muitos povos distintos como angola, cambinda, lunda, makuá, kassange, essange, munjolo, rebo, angico, e povos menores originários da contra-costa. Referência do Ogã Cláudio de Ogunjá, disponível em: <<http://candombleumafamiliadeaxe.comunidades.net/nacao-angola3>>. Acesso em 26. Set. 2020.

11 Iniciados e iniciadas em uma casa de *Kandomblé* de Angola recebem novo nome dentro da religião. O nome é a *dijina*.

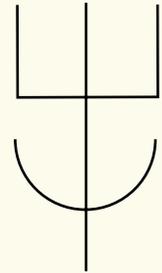
12 Pessoa iniciada no *Kandomblé* que cumpriu com todas as obrigações do primeiro ciclo de formação.

O *Kamdomblé*, como religião, e em sua forma de ser-estar-afetar n(o) mundo, estabelece uma prática espiritual do cuidado mobilizando saberes e fazeres que tem, na força da comunicação entre os mais diversos mundos, via interações com as entidades espirituais e no compartilhamento dos legados ancestrais, pilares que auxiliam não só integrantes de um terreiro, mas também toda comunidade do entorno. De certo modo, iniciar-se no *Kamdomblé* é um recomeçar ou, à maneira espiralada do tempo do povo bakongo, conforme nos traz o ensino de Makota Valdina Pinto (2015, p. 152): “o símbolo espiral está ligado ao conceito de contornar e nele está contido o respeito à hierarquia, a sabedoria política, a arte do diálogo”. Parece que é dessa maneira que Pedrina vem construindo sua recente iniciação no *Kamdomblé*.



Fica evidente, a partir do exposto, que a Capitã Pedrina, *Seji Danji*, pratica de forma intensa não só a interação comunicativa intermundos, como opera, a partir dos ensinamentos que tem, uma premissa muito importante da Comunicação Social, que é tornar comum um saber-fazer-mensagem. Entender os saberes tradicionais como o que a mestra Pedrina tem como fundamental na prática sistemática de experiência de cuidado é compreender a vivacidade e o dinamismo de uma comunicação que rompe espaços, fronteiras e gerações. “Quem não sabe de onde veio, não sabe para onde vai”, costuma sempre dizer a Capitã. Ao lembrar dos violentos processos da escravização e do comércio transatlântico de vidas humanas desterradas do continente africano, ela diz (SANTOS, 2016a): “o colonizador tirava tudo daqueles e daquelas que iria escravizar: a começar pelo nome, depois a família, o lugar, as paisagens, as árvores, as plantações, os seres sagrados, tudo, para então negar nossa humanidade”. É contra esse tipo de atitude que a mestra tem buscado “uma voz própria para expressar um ponto de vista coletivo autodefinido” (COLLINS, 2019, p. 183).

Nas culturas orais, a palavra é elemento essencial: é força capaz de conectar mundos. Pedrina é uma mulher de palavra. É possuidora da palavra enxuta, que não enfeita nada, mas que diz o que tem que dizer. É possuidora da palavra-sagrada, que liga o mundo visível ao não-visível, e da palavra-força, que conecta o mundo de seus ancestrais ao de seus descendentes. É possuidora da palavra que acolhe e empodera. Este livro busca tornar palavra escrita sua trajetória e seus ensinamentos, vividos e proferidos em performances da oralidade e da memória ancestral. Percorrendo o ciclo espiralar do tempo para de novo encontrar, por outro caminho, a sua longa luta política, o seu longo despertar de autoconhecimento e sua longa trajetória de comunicação com muitos mundos.





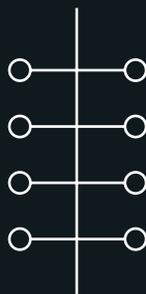
Gameleira

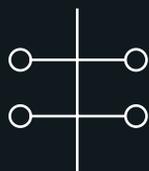
meu rosário é feito de contas negras e mágicas.
nas contas de meu rosário eu canto mamãe oxum e falo
padres-nossos, ave-marias.
no meu rosário eu ouço os longínquos batuques do
meu povo
e encontro na memória mal-adormecida
as rezas dos meses de maio de minha infância.
As coroações da senhora, onde as meninas negras,
apesar do desejo de coroar a Rainha,
tinham de se contentar em ficar ao pé do altar
lançando flores.
As contas do meu rosário fizeram calos
nas minhas mãos,
pois são contas do trabalho na terra, nas fábricas,
nas casas, nas escolas, nas ruas, no mundo.
As contas do meu rosário são contas vivas.
{Alguém disse que um dia a vida é uma oração,
eu diria porém que há vidas-blasfemas}.
nas contas de meu rosário eu teço entumecidos
sonhos de esperanças.
nas contas do meu rosário eu vejo rostos escondidos
por visíveis e invisíveis grades
e embalo a dor da luta perdida nas contas
do meu rosário.
nas contas de meu rosário eu canto, eu grito, eu calo.
no meu rosário eu sinto o borbulhar da fome
no estômago, no coração e nas cabeças vazias.
quando debulho as contas de meu rosário,
eu falo de mim mesma em outro nome.
E sonho nas contas de meu rosário lugares, pessoas,
vidas que pouco a pouco descubro reais.
vou e volto por entre as contas de meu rosário,
que são pedras marcando-me o corpo-caminho.
E neste andar de contas-pedras,
o meu rosário se transmuda em tinta,
me guia o dedo,
me insinua a poesia.
E depois de macerar conta por conto do meu rosário,
me acho aqui eu mesma
e descubro que ainda me chamo maria.

{meu rosário, conceição evaristo,
poemas de recordação e outros movimentos, p. 44-45}

CAMINHOS E TERRITÓRIOS DE ENSINAR-APRENDER- RE-EXISTIR

cosmopráxis do Reinado
e comunicação intermundos





As pesquisas sobre os reinos negros no Brasil são diversificadas e abarcam diversas áreas de conhecimentos já presentes na Universidade, como a história (RUBIÃO, 2002; SOUZA, 2006; DELFINO, 2017), a antropologia (SABARÁ, 1997; SILVA, 1999; KIDDY, 2001; SILVA & BARROS, 2002; COUTO, 2003; COSTA, 2006; GARONE, 2008; GARCIA, 2009; 2018; SOARES, 2016), a educação (SANTOS, 1997; ALVES, 2008; OLIVEIRA, 2011), música/etnomusicologia (LUCAS, 2002; 2011), a literatura (MARTINS, 1997; 2003), os estudos de folclore (MARTINS, 1988; FONTES, 2003; POEL, s/d), a ciência da religião (VILARINO, 2007; PEREIRA, 2008) e, mais recentemente, a comunicação social (ALTIVO, 2019; OLIVEIRA & ALTIVO, 2020). A centralidade dos conhecimentos de intelectuais reinadeiros e reinadeiras para tais pesquisas é reconhecida pela maioria dos pesquisadores e das pesquisadoras. No entanto, no esteio das exigências contemporâneas de se pensar a universidade como lugar de salvaguarda de múltiplas epistemes ao lado da crítica ao modelo universitário eurocentrado e, na maior parte das vezes, euroexclusivista, o presente livro traz em seu bojo o reconhecimento aos saberes reinadeiros como regime de conhecimento autônomo, destacando sua dimensão comunicacional. Nesse sentido, traz esses saberes sustentados – pesquisados, ensinados e levados a públicos diversificados – por uma intelectual de destaque nesse campo de conhecimentos. Para tanto, retomará, nas próximas seções, elementos que colocam em diálogo interepistêmico a cosmopraxis do Reinado e a Comunicação Social nos saberes-fazeres da Capitã Pedrina. Para tanto, valemo-nos aqui do conceito de comunicação intermundos (OLIVEIRA, FIGUEROA, ALTIVO, 2021)¹ que propõe bases não para nomear um fenômeno comunicacional, mas para experimentar e descrever uma experiência de encontro de saberes que torna concretos fóruns cosmopolíticos e, com eles e a partir deles, os diálogos interepistêmicos.

1 Vale dizer que a construção do conceito de comunicação intermundos se alimenta, em grande medida, dos conhecimentos da Capitã Pedrina. Tanto a partir de suas inúmeras participações nas ações de extensão dos Festivais de Inverno da UFMG de 2012, 2013 e 2014 quanto de suas participações na Formação Transversal em Saberes Tradicionais da mesma universidade (2015, 2016, 2017, 2018, 2019). Fundamental também foi sua co-orientação a uma tese de doutorado desenvolvida no campo da comunicação social (ALTIVO, 2019). Por outro lado, o conceito surge, de forma mais ampla, de encontros com outras matrizes de conhecimentos tradicionais, com destaque para o xamanismo *Kaiowá* e as lutas pela terra e por visibilidade nas esferas públicas desse povo.

Reinado dos *Minkisi*

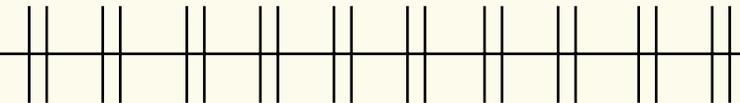
A Irmandade Os Leonídios descende do Capitão Leonídio e da zeladora Ester Rufina. Leonídio nasceu em 1894 em 24 de novembro e se auto-registrou quando já tinha 14 anos. A pessoa responsável por realizar o registro cometeu o equívoco de colocar como ano de seu nascimento o ano em que ele foi se registrar (24/11/1908). Portanto, nos seus documentos oficiais, segundo o que Seu Leonídio relatou à mestra Pedrina, ele contava com 14 anos a menos. Seu Leonídio era filho de Pedro Miguel Dias e de Inês Maria da Conceição e sobrinho de Amásia da Conceição. Dos três, que vivenciaram a experiência do cativo, Seu Leonídio aprendeu as tradições e os segredos dos fundamentos do Reinado, tendo iniciado sua participação na Festa do Rosário com sete anos de idade. Em 1901, ele já fazia a festa.

O capitão Leonídio passou 64 anos no *massambike* de São Benedito e 16 anos no *massambike* de Nossa Senhora das Mercês. Ele começou a história dos Leonídios com o *massambike* de Nossa Senhora das Mercês no ano de 1964, herdando o cargo do antigo capitão Pedro Calixto, que morava no bairro das Graças (Oliveira-MG), pelas mãos do capitão-mor, Geraldo Bispo dos Santos, que lhe passou essa responsabilidade. Até hoje e durante todos os anos subsequentes de realização do Reinado na cidade, o terno de Nossa Senhora das Mercês passa na porta da casa onde morava o capitão Pedro Calixto e faz a meia-lua². O pesquisador Hugo Pontes (2003, p. 10) assim o descreve: “conhecedor de várias ervas e raízes, fazia chás, remédios e banhos medicinais, favorecendo assim muitas pessoas enfermas” e destaca seus conhecimentos de línguas africanas como *kimbundu* e *jêje*. Atuou em diversas profissões: lavrador, oleiro, carreador de bois, carcereiro, pedreiro. Além disso, era músico nato dominando os instrumentos piston, baixo e saxofone bem como a escrita musical por cifras, habilidades que o tornaram componente da banda de música Santa Cecília, em Oliveira.

Ao lado de seu Leonídio, dona Ester realizou todo um trabalho de afirmação da matriz africana no Reinado, a partir de seus conhecimentos como benzedeira, parteira e umbandista. Sua devoção à Nossa Senhora nasce de uma promessa alcançada que a torna serva fiel da Festa do Rosário. Desempenhava

2 Reverência em que um terno faz um movimento espiralar em frente a algum lugar, em respeito à memória e importância do espaço para a história da Festa do Rosário, bem como para o terno que faz este movimento.

com muito amor e dedicação os cuidados com o terno, tendo um zelo impecável com as vestimentas e o alinhamento dos dançadores. Era ela também que garantia a sustentação do terno e, em conjunto com Seu Leonídio, firmava³ o *massambike* de Nossa Senhora das Mercês para saírem às ruas com segurança. Foi uma mulher que enfrentou diversas formas de preconceitos: por ser mulher, por ser negra e ter ascendência indígena, por ter se casado com um homem mais velho que já havia sido casado, por praticar a Umbanda. Segundo mestra Pedrina (2020), “minha mãe era baía, e o avô materno era chamado de panhê do povo Puri, indígenas pretos retintos do cabelo fino”.



Hoje, a Irmandade dos Leonídios é composta por três ternos: o *massambike* de Nossa Senhora das Mercês, capitaneado pelos irmãos Pedrina de Lourdes Santos e Antônio Eustáquio dos Santos; o *massambike* de Nossa Senhora do Rosário, fundado em 2004 pelos netos de Leonídio e Ester, Carlos Tadeu Sabino Gonçalves, Ester Antonieta Santos e Washington Luis Santos de Oliveira; e o congo de Nossa Senhora do Rosário, fundado em 2005 sob a responsabilidade de Kátia Arcelle Gonçalves, também neta do casal.

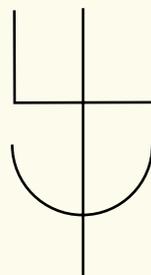
Desde pequena, mestra Pedrina sabia os vocábulos no dialeto de senzala⁴, porque Seu Leonídio os falava cotidianamente em casa. No Reinado, ele cantava muito na língua africana, intercalando com o português. Ela também tinha uma tia, de nome Rosalina, irmã de seu avô materno que,

3 “Firmeza” e “Mironga” são expressões comuns em terreiros de Umbanda e *Kandomblé* que fazem referência a trabalhos espirituais ancorados em elementos materiais, como velas, frutas, imagens, pedras, facas, cigarros, incensos, dentre vários outros, que são colocados em relação dentro de arranjos específicos, a depender do que se almeja e com base nos fundamentos religiosos em questão e estilo filosófico de entidades e/ou sacerdotes.

4 Professora Yeda Pessoa Castro (1983) chama de dialeto de senzala a junção das línguas ensinadas, aprendidas e faladas pelos pretos cativos no período da escravidão, ocasião que culminou na troca de conhecimento entre as línguas *nagô*, o *yorubá* e as línguas *bantu* como *kimbundu*, *umbundu* e *kikongo*. Estas eram as línguas mais ensinadas-aprendidas-faladas, mas como estas, outras línguas também eram ditas dentro das senzalas.

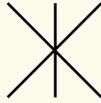
segundo consta, era muito “pretinha” (negra de pele com a tonalidade bem escura), com quem teve convivência na Casa Azul e ela só falava na “língua de nêgo⁵”. Segundo as memórias familiares, eram poucas as coisas do que ela falava que se podia entender. Ainda assim, a menina Pedrina prestava muita atenção aos falares dessa velha senhora e de seu pai como modo de aprender pela observação e pelo treinamento do ouvido para captar suas palavras.

“Esse povo era de muita sabedoria, o povo reinadeiro, desde o tempo da escravidão. Eles conseguiram preservar sua crença, sua fé, sem precisar mais morrer no tronco” (SANTOS, 2016b). Pedrina se declara cada vez mais impressionada com a esperteza dos negros escravizados face à violência colonial do catolicismo e do Estado, além da marca incontornável da diáspora forçada e das relações mercantis usurpadoras da liberdade, da autonomia, da subjetividade, dos laços familiares e comunitários, das paisagens, dos territórios, dos nomes, da existência, enfim, em todas as suas dimensões. O povo do Rosário, como ela costuma dizer, elaborou uma festa assentada em matrizes cosmológicas africanas, com sua complexa efetivação ritual pelo canto, toque e dança. Assim, Pedrina faz questão de ressaltar, dentro e fora de sua Irmandade, os fundamentos reinadeiros calcados nas realzas e divindades africanas, tratando abertamente dos processos estratégicos constituídos pelos negros para cultuar os seus *Minkisi* através dos santos católicos.



5 Outra expressão para nomear o chamado dialeto de senzala.

Mesmo com a sabedoria dos negros em levar sua fé sem correr risco de morte, o Reinado em Oliveira sofreu uma série de reprimendas, boicotes e apropriações violentas por parte da Igreja católica, lideranças políticas e famílias abastadas da cidade. Devido a esses conflitos, a festa foi interrompida três vezes. A última deu-se na década de quarenta, por um decreto da prefeitura. A festa retoma em 1950, com um novo formato “negociado” com os poderes locais no qual se destaca a centralidade da Princesa Isabel – sempre uma moça jovem, branca e da elite que contribui financeiramente para a realização da festa.



Na perspectiva da capitã, o Reinado é um grande trabalho espiritual que realiza o cortejo dos *Minkisi* de África: os Leonídios acreditam que Nossa Senhora do Rosário, também chamada de Santa *Manganá*, é *Kaiaia*; Nossa Senhora das Mercês é *Ndandalunda*; São Benedito é *Mutakalambô*; Santa Efigênia é *Matamba* e Nossa Senhora Aparecida, por sua vez, não consta nas bases de devoção do Rosário dos negros no tempo da escravização. Foi incluída na festa, na cidade de Oliveira, apenas no ano de 1976.

Uma das mais impressionantes singularidades do Reinado feito pela Irmandade Os Leonídios é a forma como relaciona diretamente os santos católicos cultuados publicamente na festa e os *Minkisi*, cultuados nos toques *Kandomblé*. Pedrina explica que a devoção dos negros aos santos católicos foi uma manobra astuta de perpetuar o culto às divindades africanas sem que os brancos pudessem notar. “Se o negro cultuasse *Ndandalunda*, iria para o tronco. Agora, se fosse Nossa Senhora das Mercês, tudo bem!” (SANTOS, 2016b). Então, através da figura de Nossa Senhora das Mercês, os reinadeiros reverenciam *Ndandalunda*, a divindade das águas doces. Do mesmo modo, Nossa Senhora do Rosário dá passagem para *Kaiaia*, São Benedito para *Mutakalambô* e, como já foi dito, Santa Efigênia para *Matamba*. Isso quer dizer

que não se trata de uma simples equivalência entre essas figuras de distintas cosmologias, mas que elas fazem uma espécie de aliança no momento do cortejo. “*Kaiaia* é a dona da coroa. Mas isso não quer dizer que Nossa Senhora do Rosário não o seja, ou que não esteja lá também” (SANTOS, 2016b).

Na teoria apreendida e construída em conjunto com a espiritualidade, Pedrina apresenta a relação entre as divindades africanas e os santos católicos com especial crítica ao conceito sociológico de sincretismo. O cortejo dos santos católicos, o seu deslocamento pela cidade, tem para Pedrina e diversos outros membros dos Leonídios (não todos, pois há pessoas católicas na Irmandade) o sentido e a eficácia de um trabalho vinculado aos quatro *Minkisi* (*Kaiaia*, *Ndandalunda*, *Mutakalambô* e *Matamba*), que estão presentes através das coroas dos reis e rainhas perpétuos e congos, figuras que vivificam as autoridades de antigos reinos africanos, anteriores ao tempo da diáspora. A coroa que se carrega é a coroa do *Nkisi*, portanto, o sagrado por excelência, aquilo que o Rei/Rainha precisa proteger, aquilo que precisam guardar. O *massambike* tem o papel de guardar todo um processo de memória, ancestralidade e poder. O terno de congo abre os caminhos, enquanto o *massambike* guarda todo esse processo sagrado vivenciado na disposição dos elementos rituais da festa: a imagem de Nossa Senhora à frente, o pendão e a coroa atrás. Ou seja, as imagens de Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora das Mercês, São Benedito, Santa Efigênia e atrás delas a coroa e todo um mundo que carrega algo sagrado da experiência da memória ancestral de África.

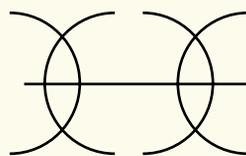
O cortejo, na medida em que desloca os reis e rainhas, vai reunindo o seu povo, ou seja, as pessoas – tanto as vivas quanto as mortas, as almas – que têm relação, “enredo”⁶, parentesco com cada um dos quatro reinos comandados pelos *Minkisi*, a quem dão passagem, por negociação do povo negro no Brasil, os santos católicos. Para curar, é preciso encontrar os seus, o que muitas vezes implica revisitar antigas desavenças, mágoas e rancor. Um trabalho árduo e difícil, de “tentar a união dos desunidos”, em que justamente reside o “paradoxo do Rosário” (OLIVEIRA, 2017). A religião de matriz africana é, por excelência, uma religião de fluxo e contato. No deslocamento, projeta-se para a cidade tudo o que o sagrado movimenta.

6 Termo usado por alguns adeptos das religiões de matriz africana e que pode indicar várias relações: ligação, pertencimento, caminhos, ações, e/ou estratégias espirituais destinadas a alguém ou alguma coisa. No sentido empregado, considere-se o termo como ligação e pertencimento.

A grande diferença das religiões afro-brasileiras para as outras é essa, como sustenta Washington Luís Santos de Oliveira, sobrinho de Pedrina, a partir dos ensinamentos da mestra:

aquilo que é sagrado, para mim, vem. dança comigo, come comigo, ele pertence a mim, ele está no convívio diário. mesmo sendo um sagrado, como nossa senhora, ela anda comigo. A bandeira está lá, tem a sua coroa representada que vem comigo nos momentos mais importantes. A relação que o afro-brasileiro tem com o sagrado não é de uma religiosidade estática. E,

portanto, esse movimento que dá a dinâmica do Rosário, essas alianças que ele tem que fazer ao longo da cidade, que é o trabalho. (...) É um desafio, inclusive: trabalhar em um Rosário que tem que ser integrado, tem que ser aliança, mas que são pessoas nem sempre afins. talvez esse seja o paradoxo do Rosário: tentar a união dos desunidos (OLIVEIRA, 2017).

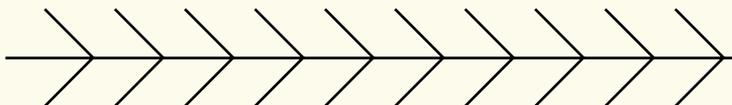


Ao longo dos nove dias que as guardas transitam pelas ruas de Oliveira, subindo e descendo ladeiras, entrando nas casas dos devotos, visitando o cemitério e antigos espaços de torturas do tempo da escravidão, portas de Igrejas e de terreiros, uma multidão de seres se reúnem e são direcionados para outros lugares. Um grande trabalho de encaminhamento de almas, no qual o intrincado percurso geográfico consubstancia um processo subjetivo também intenso, cheio de atravessamentos difíceis e rotas sinuosas, que passam por antigas dores e desafios. A tarefa é, ao mesmo tempo e inseparavelmente, política e social, uma vez que as experiências de violência do passado e do presente geram, de forma aguda e perversa, traumas subjetivos e conflitos dentro da própria comunidade e desta com outros coletivos.

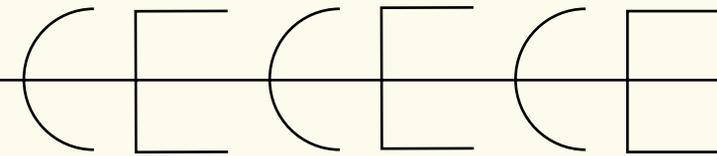
Não há uma distinção entre “sãos” e “doentes”, porque a cura é sempre relacional e, assim, comunicativa. É um trabalho da cura em que o elemento que é curado ajuda a curar outros. comunicação. olha a sabedoria do preto-velho, sabendo isso tudo, ele canta assim: “É devagarinho, é devagarinho/ ê no rosário

eu vou, eu vou”. Ele está dizendo que todo esse processo é muito devagar, por causa da limitação, do ego (OLIVEIRA, 2017).

A cura é um instante que dura. Não adianta correr que é pior: a ferida torna a doer. O conselho de preto-velho *massambikeiro*, que foi conduzindo a Santa lentamente do mar até o altar estruturado pelos negros escravizados, é lembrado em diferentes toadas e se faz necessário na peleja das guardas pelos quilômetros a transitar. “massambike é coisa de nego velho, que anda devagarinho/ Quem anda com preto velho nunca fica no caminho”. Devagar no andor, devagar com as coroas – é preciso protegê-las e honrá-las –, devagar com as próprias limitações, devagar com os problemas e perguntas. Paciência, o caminho é longo e nem bem começou. O corpo sente a intensidade e extensão da jornada.



Uma bacia de alumínio, bem grande, repleta de ervas maceradas na água, e uma roda de crianças com os pés cansados imersos naquele remédio. Pedrina prepara o alívio de seus dançadores e tocadores mirins com carinho, e fica atenta aos sinais de fadiga e mal-estar que podem surgir a qualquer instante durante os 8 dias de cortejo. Se precisar, logo acende o cachimbo, tira o rosário do peito e faz a benção. Quem estava bambo fica firme. Capitã famosa pelo zelo à tradição ancestral do Reinado, ela verifica cada mínimo detalhe nas fardas e instrumentos antes de sair às ruas. Limpíssimas, passadas e alinhadas, as roupas e sapatos reluzem ao sol e são a marca de um comprometimento com o cuidado herdado da mãe, que exigia organização e igualdade nas vestes dos tocadores e dançadores: uniformes impecáveis. Com tanta exigência e disciplina, um toque sutil se destaca no minuto anterior ao rufar das caixas: Pedrina borriфа perfume em cada uma das crianças, adolescentes, adultos e pessoas mais velhas. É o sinal de que estão todos prontos.

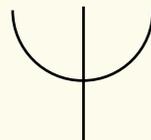


A festa é tempo de abundância para a comunidade. Afetiva, laboral, gustativa, mágica. A primeira semana de setembro marca um período de reunião entre parentes que há muito não se viam, a chegada de turistas, os fartos almoços e cafés, a mesa comprida rodeada de gente, os cortejos que colorem e ressoam pelas ruas de Oliveira. A capitã Pedrina e os outros reinadeiros se preparam o ano todo para o evento. No caso específico de Pedrina, toda essa preparação envolve esforços de levantamento de recursos, de organização de eventos como também uma longa ritualística de preparação de fundamentos que não aparecem na festa pública e que, em muitas Irmandades, já não são mais resguardados. Justamente os fundamentos que garantem a relação com a herança africana da festa.

E eu consigo perceber na festa três aspectos. o aspecto social, o aspecto religioso e o aspecto cultural. porque o ser humano precisa de um momento, que essa vida, que ele seja reconhecido. Então para o reinadeiro, para o congadeiro – porque antigamente falava reinadeiro, não era congadeiro não – esses dias são os momentos de glória dele. Ele tá ali, no resto da vida, na margem, marginalizado, mas nesses dias ele é o centro e ele precisa disso para ter força

psicológica para enfrentar o que o sistema impôs. É o momento da religião. Porque o reinadeiro, com os defeitos todos que nós seres humanos podemos ter, mas eu falo assim, nós carregamos água no balaio para essa NOSSA senhora, para esse são benedito, santa Efigênia. E para quem não sabe, carregar água no balaio é o impossível, porque quem conhece um balaio sabe que a água não vai parar lá. Todos têm um amor verdadeiro por esses santos.

E o aspecto cultural, de ir mantendo o costume desse povo (SANTOS, 2017).



Durante todos os longos anos de sua realização, a festa começa impreterivelmente no sábado à noite com a saída do Boi do Rosário, o que Pedrina considera enquanto despacho para Exú que abre a interlocução com os *Minkisi*, permitindo – assim como na Umbanda e no Kandomblé – a comunicação com o mundo dos desencarnados e das divindades. A pesquisadora Leda Martins (1997) destaca a relação da energia do orixá Exú como princípio epistêmico de interações comunicacionais entre as territorialidades e temporalidades de África e as do Brasil, compondo e recompondo uma cultura da encruzilhada. Seguindo a reflexão de Gates Jr., afirma que os africanos não viajaram sós, trouxeram ancestrais, divindades e formas de conhecimento – nas quais Exu figura como aquele que porta o *logos*, princípio do qual emergem as possibilidades de criação e tradução de saberes. A ressemantização do termo *encruzilhada* e das figurações mitopoéticas de *Exu* são encaradas na interpretação da pesquisadora, portanto, como princípios de cognição que traduzem, recriam e desvelam movimentos culturais, bases filosóficas e distintos modos operacionais de interpretação da realidade, construídos pelas simbologias africanas e afro-americanas. Tal interpretação é saber-fazer na forma do festejo do boi que inaugura o Reinado de Oliveira-MG e, especialmente, no modo como tal festejo é conduzido pela Capitã Pedrina no Reino d’Os Leonídios.

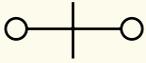
Na mesma noite, depois do boi, acontece o *Kandombe*, ritual de fundação do Reinado no qual se toca, canta-se e dança-se para as almas dos ancestrais através de tambores centenários feitos por pessoas negras escravizadas da cidade de Oliveira. De domingo em diante, acontecem os cortejos dos reis e rainhas pelas ruas da cidade, na seguinte ordem: domingo e segunda > Nossa Senhora do Rosário; terça e quarta > Nossa Senhora das Mercês; quinta > Reinado duplo de São Benedito; sexta > Reinado duplo de Santa Efigênia; sábado > Reinado duplo de Nossa Senhora Aparecida; Domingo > descimento dos mastros e encerramento da festa.

Durante algumas madrugadas, enquanto a maioria dos ternos de Oliveira dormem, faz-se necessário que os Leonídios realizem toques com a presença de espíritos que participam do Reinado pelo lado dos desencarnados. Descem no terreiro diversas entidades que dão conselhos sobre a festa, benzem e cuidam dos corpos dos reinadeiros. São essas as sessões de Umbanda, anteriormente mencionadas, que dão sustentação à festa.

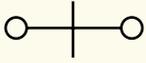
Além desses rituais de trato, diálogo e culto aos ancestrais, ocorrem várias outras atividades que integram o ciclo do rosário, como explica a antropóloga Dalva Maria Soares:

durante o ano inteiro existem outras obrigações como participação em festas de outras guardas, visitas, pagamentos de promessas, coroação e descoroação em casos de falecimentos de reis, rainhas e capitães, entre outros. Além disso, em muitas irmandades do rosário espalhadas por Minas Gerais, no dia 13 de maio os congadeiros celebram a festa da abolição. com cantos que falam do cativo, um cortejo é realizado até a igreja, com a representação de negros escravizados acorrentados e da escrava Anastácia. É celebrada uma missa conga, com a presença da Princesa Isabel, que durante a missa repete o gesto de assinatura da Lei Áurea e solta as correntes dos escravos (SOARES, 2016, p. 155).

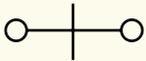
A Festa do Rosário no Reino d'Os Leonídios é o momento culminante de quatro momentos rituais cíclicos e articulados anuais que podem ser sintetizados, de maneira esquemática, da seguinte forma:



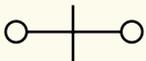
A abertura do Reino, que coincide com o sábado de aleluia: o ritual que dá início às atividades do ciclo do Rosário em Oliveira, realizado pelos Leonídios, conta com vários procedimentos que afirmam os elementos africanos no Reinado, como a maceração de ervas, o toque do *kandombe* e as rezas cantadas em *kimbundu*;



A festa da abolição em maio: A abolição, para os reinadeiros, não é exatamente o fato histórico narrado pelos livros escolares e encenado na data do 13 de maio, como se passa visivelmente na oficialidade da comemoração. A libertação da escravatura, enquanto momento crucial de descontinuidade com os horrores do cativeiro, é acontecimento que ainda se faz presente ou precisa ser realizado, que se desenrola em diferentes planos, que é ritualmente reinstaurado ao longo de toda a festa reinadeira de setembro. A própria figura controversa da Princesa Isabel ganha contornos míticos, mostrando-se na festa da abolição como elemento devocional tanto nos cantos quanto em sua postura corporal com o “rosário erguido ao céu”;



O levantamento dos mastros em agosto: ritual de banho dos mastros, bastões, espadas, imagens de santos e outros artefatos do reinado, que acontece na noite anterior ao levantamento das bandeiras – na primeira semana de agosto. O procedimento – um dos fundamentos esquecidos ou ignorados pela maioria dos ternos da cidade, segundo Pedrina – envolve a colheita e a maceração de 14 ervas, seguindo todo um protocolo de tratamento dos materiais e corpos participantes;



Semana de Reinado em setembro: momento ritual culminante do Reinado, conforme descrito brevemente acima, em que acontece a Festa do Rosário.

Cada um desses momentos, no âmbito dos Leonídios, é dotado de um compromisso com a ancestralidade africana da festa, missão que Pedrina enfatiza em suas relações com os reinadeiros dos ternos conduzidos por sua família e também com os seus interlocutores de outros mundos – político, acadêmico e midiático. Essa postura característica da capitã, que conecta cosmologicamente o Reinado à Umbanda e ao *Kandomblé*, marca diferencialmente o Reinado, não sendo um consenso entre os diversos ternos que existem em Minas Gerais. Diz Pedrina: “Imagine só, uma Santa que veio do mar, acompanhando o navio negreiro, e só aceitou se mover no ritmo dos negros... Ela também era negra! Era *Kaiaia!*” (SANTOS, 2016a). Pedrina realiza, de dentro do plano cosmológico, uma resistência elaborada e constante à colonização católica e elitista do Reinado. “O Reinado é do povo preto e pobre, não adianta esses padres e ricos tentarem nos roubar” (SANTOS, 2017). Assim, ela narra a aparição de Nossa Senhora como escudou dos mais velhos, enfatizando o amor da Santa pelo jeito africano de rezar.

**EU, Pedrina, cresci em
oliveira, ouvindo dos capitães
de reinado, sobretudo de
meu pai, Leonídio João dos
santos, sobre a história de
Nossa Senhora do Rosário
dos Pretos, e depois que me
mudei para Belo Horizonte,**

continuei ouvindo, de outros capitães de reinado, inclusive daqueles que não o conheciam, a mesma história, com pequenas variações. As pequenas variações eram que alguns diziam que Nossa Senhora teria aparecido no mar, outros na gruta, outros numa pedra, e ainda outros numa árvore, mas a essência é sempre igual. A santa católica apareceu para os negros escravizados. Dentre as várias versões escolhi esta: Era ainda muito

cedo, madrugada, o sol ainda não aparecera, e indo buscar água num rio, que ficava nas proximidades do mar, uma criança viu uma luz resplandecente que envolvia um vulto de uma mulher. Assustada, voltou e contou a seu pai o que viu, foi repreendida, mas como insistia, o pai foi e encontrou no lugar o que disse a criança. Assustado, maravilhado, foi falar com o feitor e este ao senhor de negros escravizados. o

senhor ordenou que o feitor fosse verificar o local, e se não encontrasse nada, castigasse o pai e a criança. o feitor chegando ao local viu um grande resplendor que envolvia um vulto de mulher. voltou e confirmou ao senhor de negros escravizados, dizendo: “É memo sinhô, tem memo um vurto de muié num grande resplendô”. o senhor então comunicou com o padre da igreja católica, que organizou procissões com rezas, banda

de música, cantos e foram até o local, puseram a santa num andor e levaram para a igreja, rezaram, louvaram e foram para casa. No outro dia, quando o sacristão abriu a igreja, cadê a santa? Não estava mais lá, e ele até viu os passinhos dela voltando pela mesma estrada que tinha vindo, lá do mar. o padre organizou outra procissão novamente e foram lá, buscaram a santa, puseram na igreja e no outro dia cadê a santa? tinha

voltado novamente lá para o mar. E assim fizeram mais uma vez, inteirando 3 vezes, e aconteceu a mesma coisa. Aí um terno (termo usado para designar um grupo de negros num leilão, em hasta pública) de negros escravizados, tomou de coragem, foi até o senhor pedir para ir buscar a santa lá no mar, dizendo que eles iam tocando e cantando a seu modo, quem sabe ela vinha com eles e ficava. o senhor ficou nervoso, dizendo que

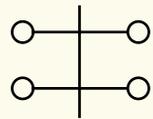
eles queriam era fugir da labuta no eito, se ela não ficou trazida pelos brancos, pela igreja, imagina se ia querer acompanhar negro. Mas os negros insistiram com o senhor e disseram a ele que, caso ela não viesse ou não ficasse, eles podiam ser castigados no tronco. Assim, o senhor concordou e lá foram os negros, pés descalços, roupas rotas e seus tambores, que tinham feito de tronco de árvore, seus bastões, suas

espadas, foram os negros *kandombeiros*. Aí, eles contaram que quando o vulto viu os negros, tocando e cantando à sua maneira ela deu um largo sorriso, tocando mais um pouco e chegando já mais perto dela, deu uns passinhos, foi então que os capitães puseram seus bastões cruzados, na forma de um assento e ela foi carregada do mar e colocada sentada no tambor santana, o maior, e lá foram eles, alegres, cantando,

tocando, dançando e a santa os acompanhou. Mas eles levaram a santa para o lugar deles, que tinham feito no mato e lá cantaram e dançaram a noite toda. E os negros pediram a ela se ela aceitava ser a mãe deles e ela aceitou abençoando a todos e a partir daí passaram a chamá-la de Mãe do Rosário. O senhor, mandou o feitor atrás porque os negros demoravam voltar e o feitor acompanhou os passos e os encontrou,

cantando e dançando no lugar que tinham preparado, mas não viu e nem ouviu nada e voltou, relatou ao senhor. E no outro dia os negros levaram a santa para igreja, que ficou lá e nunca mais voltou para o mar. E assim, cresceu, floresceu e chegou até os nossos dias, passando de geração em geração. Quando eu percebi, que muitos capitães falavam da mesma história, com pequenas variações, entendi que a moral da história era de

que a santa católica aceitava o modo de ser e de crer dos negros escravizados. Mais tarde pude perceber como conseguiram preservar sua crença, sua fé, sem precisar mais morrer no tronco, por não negar sua maneira de ser, sua fé. Afinal, para quem sabe ler um pingo é letra.
(SANTOS, 2016a)



São várias as versões do mito de aparição contadas pelos mais velhos e pelas mais velhas do Reinado em diferentes ternos e locais de Minas Gerais e do Brasil. Aqui, na narrativa da mestra, notamos sua intimidade e respeito para com a palavra. O estilo filosófico reinadeiro de Pedrina prima pela produção de teorias vinculadas à experiência ritual e vivência do tempo mítico como forma de reescrita da história do trabalho de memória, o que produz efeitos não só no campo do pensamento, mas no nível cosmológico e subjetivo profundo.

As resistências a partir do Reinado dos Leonídios e seus fazeres e saberes podem ser vistas de duas formas. A primeira diz respeito a essa experiência de Reinado como uma ontoepistemologia contra-colonial que, conforme defende o mestre quilombola Antônio Bispo dos Santos (2015), é forma de experiência e saber coletivos de um território que nunca se deixou colonizar, na medida em que mantém vivas as crenças, os hábitos e a transmissão dos conhecimentos e ensinamentos que são vivenciados territorial e corporalmente. A força vital dos povos escravizados, contudo, nunca foi completamente vampirizada pelos mecanismos metropolitanos de expropriação. O ímpeto e a estratégia da fuga e da rebelião sempre estiveram presentes como forma de resistência negra à escravidão, mesmo que os livros da História oficial não os narrem (SANTOS, 2015). Assim, além de se enquadrar em um movimento de contra-colonização à medida que busca manter vivas suas tradições não-eurocêntricas bem como a autonomia sobre um território, encampa também um movimento de descolonização para dentro e para fora, ao levar para outros fóruns os fazeres e os saberes do povo negro em detrimento do saber imposto pelo colonizador. Tal gesto pode ser aproximado daquilo que Patrícia Hill Collins (2019) chama de autodefinição, ou seja, a nomeação que se deseja para si a partir de um conjunto de saberes também autodefinidos⁷.

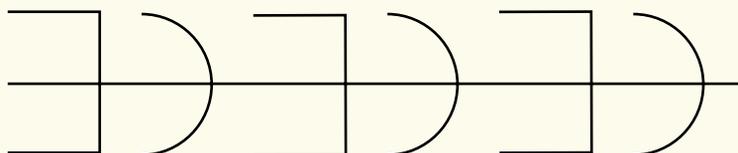
7 Autodefinir-se é um grande desafio para mulheres negras, especialmente frente às imagens de controle (COLLINS, 2019) que regulam os imaginários sobre seus corpos e suas subjetividades. Segundo Collins (2019, p. 135), “como parte de uma ideologia generalizada de dominação, as imagens estereotipadas da condição de mulher negra assumem um significado especial. Dado que a autoridade para definir valores sociais é um importante instrumento de poder, grupos de elite no exercício do poder manipulam ideias sobre a condição de mulher negra. Para tal, exploram símbolos já existentes, ou criam novos”. As principais imagens de controle são a boa mãe preta, a da mulher raivosa, a mãe dependente do Estado, a de objeto sexual. No Brasil, tais imagens se reproduzem e enfrentam a especificidade de que, em nosso contexto histórico, em face da ideologia da democracia racial tais imagens sejam naturalizadas e não percebidas como operações racistas.

Sobrepujando a dor do cativo, vibra a “pulsão palmarina”, desejo indestrutível de ser africano e livre (NOBLES, 2009; VEIGA, 2018). Os *kilombos* surgem como rota de escape à chibata pelas veredas profundas da terra americana. Forma ímpar de instaurar sociedades negras autogestionadas e combativas ao potentado colonial, os *kilombos* se constituem na relação estreita com os elementos fundantes da natureza, produzindo regimes de conhecimentos através do contato íntimo com a terra, as divindades e as pessoas: uma lógica de pensamento-vida “plurista territorializado” (SANTOS, 2015, p. 91). A investida *kilombola* de apropriação da terra não é, assim, fundada na vontade de conquista e posse – o que impera na economia do desejo colonialista – mas de biointeração, confluência e reciprocidade. Tal regime se configura como uma das mais diretas afrontas à política territorial do potentado colonial.

A segunda forma de resistência tem a ver com os saberes e a poética expressos em cada cantiga, em cada gesto e em cada movimento executado pelos ternos que, com um jeito próprio, recontam a história da travessia dos negros para o Brasil e conseguem possibilitar a reinserção de objetos como os tambores, as gungas e patangomes como instrumentos de louvação ao sagrado e de elaboração da cura aos períodos opressores e suas formas violentas e genocidas de controle⁸, movimento que bell hooks (2019b) chama, caracterizando sua escrita literária, de autorrecuperação de subjetividades negras, como destacado anteriormente. Segundo Leda Martins, “as práticas performáticas não se confundem com a experiência ordinária, são sempre provisórias e inaugurais, mesmo quando se sustentam em modos e métodos de transmissão profundamente enraizados e tradicionais” (MARTINS, 2003). Assim sendo, a oralidade é uma forma criativa de transmitir a informação, de compartilhar o conhecimento que se manifesta de forma “poética, rítmica, de procedimentos estéticos e cognitivos (...)”, “(...) o corpo dança, vocaliza, performa, grafa e escreve” (MARTINS, 2003), uma vez que busca manter vivas as raízes e os ensinamentos ancestrais, transmitindo de geração em geração os ensinamentos que eram repassados aos membros de determinada vertente de matriz africana. Este saber e fazer está em constante mutação

8 De acordo com Lucas (1999), são três tambores tocados com as guaiás nas mãos (chocalhos de cesto) e a puíta ou cuíca. O Congo apresenta três ou quatro caixas (tambores cilíndricos) tocadas com baquetas, um tamborim, reco-recos, pandeiros e ocasionalmente uma sanfona. O Moçambique possui três caixas, dois ou três patangomes (chocalhos grandes de lata redonda com alças nas laterais) e as gungas (pequenas latas com sementes ou chumbinho dentro amarradas aos tornozelos).

e transformação, possibilitando, a cada vivência, uma experiência única de partilha de aprendizados que é possível perceber nas comunidades de saberes tradicionais afro-brasileiras.



Reinado como cura da ferida colonial que ainda dói: o *Kandombe*, a contra-colonização e a preservação da memória ancestral de África – comunicação multitemporal e pluriterritorial

Um dos principais elos de conexão histórica e ancestral dos Reinados contemporâneos com os antigos Reinos de África são os tambores conhecidos como *kandombe*. Segundo Pedrina, “sem *kandombe* não tem Reinado. Pode até ter Congado, essas coisas de espetáculo, mas Reinado não. *Kandombe* é fundamento de Reinado” (SANTOS, 2016b). Os tambores sagrados são entidades que devem ser cuidadas, a presença viva dos ancestrais mais remotos do Reinado. “*Kandombe* é a origem, o ritual que era realizado nas senzalas e em outros recantos possíveis, com dança conduzida pelos sons dos tambores de mão, da puíta, o tambor de fricção e dos guaiás, os chocalhos de cesto” (LUCAS, 2011). O momento do *kandombe* integra o curso ritual de muitas Irmandades e tem a sua forma e nomeação a depender de cada tipo de atualização da narrativa fundacional do Rosário, memória sempre plantada em um território. O nome dos tambores de *kandombe* tem relação forte com o lugar e com a comunidade. Porque o *kandombe* não é um só. O *kandombe* dos Leonídios tem uma história, o *kandombe* de outra Irmandade tem outra história, que está ligada a outros pretos-velhos que rememoram esse momento da aparição de Nossa Senhora de um outro ponto

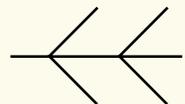
de vista, de uma outra experiência. O *kandombe*, na cidade de Oliveira, está presente nos dias de hoje apenas na Irmandade Os Leonídios, tendo sido gradualmente excluído dos outros ternos da cidade.

Pedrina explica que sua conexão é direta com as pretas e os pretos velhos que ditam os rumos da festa, o caminho do cortejo, as nomeações e batismos de capitãs, capitães, tocadoras, tocadores, bandeireiras, bandedeiros, reis e rainhas. É com a benção dos mais velhos, antigos espíritos que passaram pela escravidão, que a festa encontra sustentáculo espiritual e manejo estratégico em meio às adversidades da cidade, tanto em termos de contendas imateriais (feitiços, turbulências emocionais, inimizades dentro e fora das famílias, dentre outras), quanto políticas e sociais (racismo, elitismo, problemas com a prefeitura, a Igreja católica e pessoas influentes de Oliveira). Para a festa existir, há de se lutar. E eles são a força viva dos que atravessaram os traumas absurdos da chibata e hoje retornam com agência nos caminhos contemporâneos da comunidade.

**E aí como é que esses
negros, que foram roubados
lá, tirados à força de sua
terra, naquelas condições
inimagináveis, porque por
mais que se relate, somente
eles que passaram sabem...
vieram para uma terra
desconhecida, onde eles**

perdem o nome, querem que eles aceitem outro tipo de crer num ser superior, matam, morrem por causa disso, e mesmo assim conseguem atravessar o século. porque isso que me chama atenção. gente, uma festa, festa do reinado, festa do congo, e a gente ainda fala festa do congo, o congo antigo onde havia o império, a formação do povo banto, com todos aqueles países inclusive Angola. Esse povo conseguiu, desde a época da

escravidão, porque o reinado existe no Brasil colônia, no Brasil império e no Brasil república! com pessoas pobres, sem recursos, e sem muita condição. Então, tem uma força maior para que isso aconteça. E, por exemplo, a chegar nos nossos dias, quanta coisa aconteceu para os que vieram antes de nós para que hoje a gente pudesse... Então, a festa com esses ensinamentos profundos (SANTOS, 2016b).



Os pedidos de bênção aos velhos no *kandombe* são marcadamente movidos pelo respeito e reconhecimento das duras situações pelas quais eles tiveram de passar quando no jugo da escravidão. No limite do sofrimento, como acima coloca Santos (2016b), os pretos e pretas velhas produziram o conhecimento de sobrevivência das suas práticas religiosas, mágicas, espirituais, seguiram saravando (saudando, cultuando) os seus ancestrais e divindades de África, guardando e atualizando os saberes acerca dos cuidados com os corpos, as ervas, as línguas, os jeitos de fazer comunidade.

As estratégias de vida empreendidas por essas pessoas em um contexto tão mortificador como o da escravidão são constantemente celebradas no Reinado e ganham forma nas letras das toadas, no ritmo dos toques dos ternos e nos sacolejos dos corpos, principalmente nos ternos de *massambike*, capitaneadas no seu lado mítico-espiritual pelos vovôs e vovós que conduziram Nossa Senhora até o terreiro. Na estrutura do cortejo, o *massambike* é “a força telúrica e guerreira que gerencia o continuum africano, reorganizando as relações de poder, entre os povos negros dispersos na África” (MARTINS, 1997, p. 57). Os mais velhos que descem no *kandombe* são os donos da festa, os seus dirigentes espirituais, estrategistas que dão os conselhos para o bom seguimento do Reinado, que alertam sobre problemas, desavenças de dentro e fora do terno, e cobram a disciplina dos seus membros. “Nossa Senhora não está gostando dos rumos da festa”, disse Pai de Todos, gerando a preocupação na Irmandade. Pedrina afirma que essa mensagem do preto velho chega a cada ano com novas informações. O que mais está desagradando a santa é a apropriação incisiva que a elite da cidade exerce sobre os rituais reinadeiros, uma colonização brutal que opera nas sutilezas dos detalhes. As roupas dos reis e rainhas de outras irmandades e ternos – sublinham Pedrina, seu filho Pedro (Rei Kongo de Santa Efigênia) e seu sobrinho Washington – ao contrário do que acontece na Irmandade dos Leonídios, estão cada vez mais europeizadas, mobilizando uma economia de debutantes na cidade. Pedrina, inspirada nas suas longas conversas com os pretos velhos, costuma sublinhar essa situação de comercialização da festa, um jogo de prestígio no qual participam os setores ricos de Oliveira, como perverso mecanismo erosivo de um dos principais fundamentos reinadeiros: a humildade. Este princípio o *kandombe* zela e ativa logo no início do corpo ritual, no sábado que abre o Reinado. Foram eles, os pretos velhos kandombeiros, negros de “pés descalços, roupas rotas” (SANTOS, 2016b),

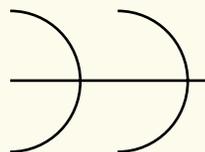
que sensibilizaram e entusiasmaram a santa a sair do mar. Por isso, *kandombe* é coisa de base, é fundamento.

Se o boi desata as porteiras entre mundos, gerando o alvoroço, os pretos velhos *kandombeiros* são, em outros termos, a força direcionadora, condutora, que rege os trabalhos. Um interessante índice dessa propriedade orientadora dos velhos está inscrita na própria narrativa mítica da aparição: “as crianças veem a santa, os velhos, através de seu jeito de cantar-dançar-rezar, a encaminham até o seu templo feito na mata e, depois, até a Igreja dos brancos. O caráter telúrico do jeito de cultuar elaborado pelos velhos moçambiqueiros” (MARTINS, 1997, p. 59), os seus conhecimentos de intensa conexão com a terra, são guardiões de um fino cuidado com os conhecimentos ancestrais e procedimentos rituais garantidores da eficácia espiritual do Reinado, aquilo que Pedrina constantemente frisa como “saber de onde se vem e para onde se vai”, os alicerces que constituem uma base enraizada no passado e, por isso mesmo, geradora de desdobramentos no futuro.

Há de se ter proteção, prudência e sabedoria para trilhar caminhos tão intrincados de recriação da vida pós-horror. O *kandombe* propicia a conversa da comunidade reinadeira com os mais velhos, que cantam/contam as suas histórias do tempo do cativo, dão conselhos e transmitem os saberes da tradição, guardando e zelando pelos detalhes rituais e rumos futuros da festa. A autoridade das pretas e pretos velhos, que emana da experiência e da história, interpela nos mais novos um senso de responsabilidade e disciplina que pode gerar tensões e até medo. A comunicação entre os parentes, tanto encarnados quanto desencarnados, aporta um processo de reestabelecimento de laços possivelmente rompidos ou infiltrados pela violência da escravidão.

A comunicação com os anciões portadores de saberes através do transe mediúnico no *kandombe* é uma das principais fontes de nutrição dos vínculos de uma comunidade intermundos (a grande reunião dos desencarnados e dos encarnados) capaz de reparar e reverter as dilacerações diaspóricas. Esse é um dos pensamentos-ação da Capitã Pedrina. O Reinado atua também neste nível, na cura das relações de parentesco intergeracionais, o que inclui as formas de ensino dos fundamentos religiosos de matriz africana, transmitidos em sua própria concretização ritual – co-presencial, corporal e oralmente, e os modos afetivos constituidores da vida em comunidade. As crianças escutam os ensinamentos dos vovôs e vovós e são o principal ponto de confluência das cadeias de transmissão de um saber circulante historicamente apagado e

demonizado (NASCIMENTO, 2016). Sensíveis aos seres de outros tempos e mundos, podem dar vazão emocional a experiências de ancestrais, serem canais para a desobstrução de dores antigas, trilhando um percurso de cura subjetiva e coletiva afrocentrado (NOBLES, 2009; VEIGA, 2018).



As experiências de Reinadinho: comunicação intergeracional e autorreparação do trauma

As crianças são fundamentais para a vida do Reinado em Oliveira, integrando os ternos e, de forma espontânea e autogestionada, formando os seus próprios cultos e cortejos. São aprendizes dos mais velhos na prática ritual. Além disso, desde os primórdios da tradição reinadeira, as crianças incorporam em suas brincadeiras os gestos, as danças e os cantos ancestrais. São elas as futuras lideranças do Reinado, capitãs e trono coroados, tocadoras e dançadoras. As gerações presentes dos Leonídios trazem memórias de “brincar de Reinado” na infância que é brincadeira muito séria, envolvendo aspectos auto-organizativos, processos de aprendizagem e vivência devocional.

Nesse sentido, destaca-se uma organização de Reinadinho que tomou forma em 2014, pela improvisada institucionalização dos cortejos organizados nas ruas e constituição de uma sede própria. Um grupo de cerca de 20 crianças e adolescentes que moram no alto do bairro São Sebastião, periferia de Oliveira, ocupavam desde 2014 uma casa abandonada em ruínas e ali constituíram a sede do terno do Reinadinho até 2019⁹. A casa e o lote ocupados pelas crianças passaram a ser cada vez mais visadas pelo tráfico de

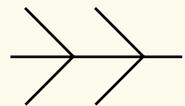
9 As atividades do Reinadinho foram suspensas em função da pandemia do Coronavírus e por isso não aconteceram em 2020.

drogas, o que tornou o local inseguro para a presença infantil. Atualmente, o Reinadinho não conta mais com essa sede, mas segue realizando suas atividades. A casa da capitã Pedrina tornou-se o principal ponto de encontro das crianças para a realização de seus rituais reinadeiros.

São meninas e meninos que participam de diferentes ternos reinadeiros do bairro, sendo a maioria dançadores e tocadores dos ternos dos Leonídios. Juntos, elas e eles produziram, para iniciar os festejos mirins, os instrumentos musicais, roupas e espaço ritualístico através de materiais advindos dos restos, detritos do mundo adulto. As caixas foram feitas de galão de plástico, os bastões de canos e cabos de vassoura, as bandeiras desenhadas em papel. Após a festa oficial da cidade, que acontece em setembro, as crianças saem às ruas do alto do São Sebastião, em cortejo de seus reis e rainhas mirins, na semana do dia 12 de outubro, em celebração à Nossa Senhora Aparecida e ao dia das crianças.

As crianças que realizam o Reinadinho, em sua maioria, integram famílias chefiadas por mulheres jovens e solteiras, moradoras do bairro periférico do Alto São Sebastião, havendo em menor parte experiências familiares biparentais. Estudam em escola pública e passam boa parte do dia fora de casa, nas calçadas e ruas da região. Sofrem diariamente agressões racistas e de preconceito religioso no ambiente escolar. Algumas famílias têm envolvimento com tráfico e consumo de drogas, alcoolismo, roubo e prostituição. Todas passam por sérias dificuldades financeiras. Essas crianças encontram nos ternos de Reinado uma rede de apoio material, psicológico e espiritual.

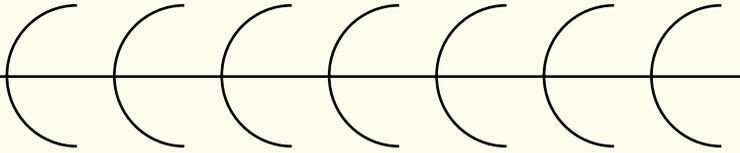
O modo como as crianças festejam o Rosário é marcado por um estilo criativo ligado à agência mágica das coisas e dos seres espirituais. Juntamente com a vastidão de formas, cores e texturas das artesanias infantis do sagrado, é importante considerar o cenário assombroso e assombrado de uma realidade social e política que é fruto, em todos os sentidos, das relações escravocratas de expropriação dos corpos, subjetividades e saberes negros, que se atualizam em novos formatos de miséria, violência, marginalidade e racismo.



É importante, destarte, trazer as singularidades de um ser criança profundamente ligado à comunidade reinadeira, cuja composição familiar é caudatária – em última instância – de processos de aliança e parentesco eminentemente filiados à resistência negra contra o esfacelamento genealógico imposto pela escravidão (NEVES, 1994; FANON, 1980; MBEMBE, 2018). O desafio aqui está em não resumir a existência dessas crianças às condições sociais de pobreza e violência, mas também não perder de vista tal contexto de agudo racismo e desigualdade social. Trata-se de construir um nexos relacional entre duas coisas: o trauma e o trabalho de elaboração, o dano e a memória, a violência e a criação da cura.

As lições dos mais velhos implica toda uma etiqueta de respeito, atenção e seriedade na relação entre os mais jovens e os anciãos, fonte viva de conhecimento que ocupa o topo da hierarquia política e espiritual na comunidade. A firmeza com que os velhos conduzem os rituais do *Kandombe*, bem como a severidade dos capitães de Reinado – com destaque para o importante trabalho de Pedrina e de seu irmão Antônio Eustáquio dos Santos nesse sentido – conjuga a tarefa espiritual de dar caminho às almas na festa, de curar as relações adoecidas pela escravidão (de ontem e hoje), à tarefa sociopolítica de gerenciar o contato com outros coletivos e instituições implicados no Reinado (associação de congadeiros da cidade, prefeitura, padres e representantes da Igreja católica, famílias ricas, dentre outros) e ao labor de transmissão de conhecimento às crianças e jovens – o modo de fazer educação, ensinamento – com base na comunicação das tradições de raiz africana, isso é, no reconhecimento, manutenção e fortalecimento da cadeia de relações que é a ancestralidade.

Segundo a capitã Pedrina, há um plano dos ancestrais para que as crianças do Reinadinho construam futuramente um outro tipo de festa, conectado à matriz africana do Reinado, diferentemente do modelo que atualmente rege a celebração dos adultos. A capitã quer, juntamente com os pretos velhos, instruir os mais novos a realizarem um Reinado anterior às modificações que a festa sofreu diante dos poderes econômicos, políticos e religiosos. Isso significa levar a sério os fundamentos de humildade, fé e aceitação que, para ela, são o esteio que anima todo o poder espiritual da festa, ligado à herança dos negros e das negras que vieram de África até as terras brasileiras. As roupas e coroas dos reis e rainhas, os instrumentos, todos os detalhes dos rituais reinadeiros devem ser, segundo ela, retomados pela perspectiva primeva concebida em relação com as divindades africanas no contexto da senzala, extirpando da liturgia reinadeira as incidências colonizadoras e espetacularizantes da Igreja católica, do poder público do capitalismo contemporâneo.

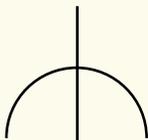


Tecnologias, mediações e agências não-humanas

A cosmopráxis de Pedrina busca gerar uma reflexão sobre o modo inventivo de afirmação afrodiaspórica operado pelo Reinado sem perder de vista as reverberações constitutivas de uma história e uma realidade social colonialista, racista, classista, sexista e eurocêntrica. A festa e seus atos rituais operam esse engendramento, fazendo cura da história, das subjetividades e vínculos machucados/destroçados pela escravidão através da prática espiritual de uma travessia comunicativa intermundos. A noção de cura é então eminentemente comunicacional, buscando junto com o pensamento-ação de Pedrina alargar propositalmente o campo de concepção e juízo acadêmico sobre o que são considerados fenômenos da comunicação social. Rede de práticas atuantes no plano das realidades experienciadas, os percursos comunicacionais produzem sujeitos co-referenciados, dinamizam negociações e podem processar encontros desestabilizadores. Contudo, no bojo de relações interétnicas violentas, deflagradoras de embates concretos entre concepções de mundo, a comunicação faz mais do que representar ou transmitir normas e valores sociais.

A comunicação, nessa abordagem reinadeira, surge em sua propriedade criadora de realidade, produzindo mundos e sujeitos em relação: comunicação instauradora, transmodal, cosmopolítica. Sensíveis às presenças de seres não-humanos e ao mesmo tempo ligadas às propriedades transformativas do território e das coisas, os reinadeiros atuam, através de seus corpos, em dinâmicas comunicativas que cruzam diferentes planos de existência. Criativos, fazedores de magia, eles podem sacralizar – vivificar, animar – os objetos e tempos, apontando para o comunicacional com poder de cura à falta de sensibilidade de certo mono-mundo desencantado, colonizado, racista e capitalista. Há, nesse ponto, dois sulcos de

conhecimentos que não serão aprofundados, dadas as limitações do presente instrumento, mas que dão vida a meios de comunicação impensados na teoria canônica da área (OLIVEIRA e ALTIVO, 2019), a saber: os cantos e os instrumentos; e o “sangue verde”, como denominava o professor e babalorixá Agenor Miranda Rocha (2001), das plantas.

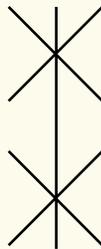


A sabedoria dos instrumentos e dos cantos

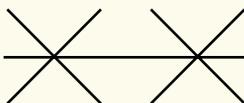
No Reinado, de acordo com os fundamentos de origem africana, na concepção, no estilo filosófico e nas práticas da capitã Pedrina, é importante que os elementos de culto sejam feitos pelas mãos dos reinadeiros, desde a coleta e preparação do material utilizado (sementes, couro, madeira, ervas, dentre vários outros), até a montagem. Uma vez ritualmente dinamizado, o objeto ganha vida própria. Nessa lógica, o sagrado é manifesto e fabricado pelos gestos de sujeitos e sujeitas que, ao fazê-lo, também constituem a si mesmos e à comunidade no diálogo com outros seres e tempos.

Os objetos sagrados são verdadeiros seres, cujo comportamento diz muito sobre o que acontece no nível invisível e sensível da festa. A forma como a bandeira sobe, as características do som das gungas em momentos específicos, o modo como o bastão responde ao capitão em vários momentos da festa, o rosário que embola ou se rompe. Em especial, pela presença difundida nos corpos e espaços da Irmandade, os rosários são como “termômetros espirituais”, que indicam processos energéticos que se desdobram sorratamente, como feitiço, “olho gordo” e toda uma variedade de “demandas” – direcionamentos de forças que visam malefícios ao destinatário. Polissêmico e plurivalente, “o rosário é artefato que cruza o peito dos reinadeiros, é instrumento de proteção, cura e benção, é conta de Umbanda, é a festa, é a própria comunidade” (OLIVEIRA e ALTIVO, 2019).

Coroas, rosários, cruzeiros, caixas, gungas, as imagens de santos e *Minkisi* fazem parte desse universo de coisas e objetos que agenciam forças que “movem céus, terra, água e ar”, nas palavras da Capitã. São as representações preferenciais da cultura massiva do Reinado, imagens vistas nos circuitos amplos de divulgação da tradição reinadeira. Vale dizer aqui que as representações mais difundidas do Rosário (em contextos midiáticos, acadêmicos e de políticas públicas da cultura), figuram em grande parte com destaque às coroas, caixas, gungas, patangomes, fardas e um conjunto de artefatos que saem às ruas em cortejo público. O simbolismo do Reinado no plano do espetáculo, das suas apropriações “canibalizadas” (CARVALHO, 2012) por acadêmicos, artistas, políticos, fotógrafos, cineastas e profissionais da mídia que visibiliza os objetos sagrados em termos de representação descolada de ancestralidade, desconhece ou não diz de uma sabedoria profunda sobre o ser das coisas. Contudo, do ponto de vista comunicacional, os objetos sagrados sugerem o protagonismo das coisas em termos de agência ritual, conexão com ancestralidade e instauração narrativa, sendo menos de valor ilustrativo que quer “falar sobre” ou figurar uma cópia naturalista dos objetos. Parece ser lá, no plano onde gente e coisa não se opõem, onde não há o domínio humano completo sobre tudo o mais que existe, é que a mestra desenvolve seus conhecimentos mais profundos de fundamentos sagrados e de operação de conexões.



No ano de 2017, a capitã Pedrina teve a oportunidade de concretizar um sonho antigo, que foi iniciar o registro de toadas para ficar de lembrança para as gerações reinadeiras futuras¹⁰. Na ocasião, ela lembrou do ditado “Quem canta, seus males espanta”, mas não se aplicou a nenhum mal sua iniciativa de deixar registrada uma série de toadas do reinado para que as gerações seguintes saibam cantar e fazer da forma como aprendeu com seu saudoso pai Leonídio. De acordo com os ensinamentos da capitã Pedrina, o negro africano não cultua a sua divindade genuflexo, de joelho; ele sempre cultuou a sua divindade dançando e cantando, e ao chegar aqui, teve que se adaptar a uma nova terra, uma nova maneira de ser. Mas aí ele não deixou de ser alegre e não deixou de cantar e não deixou de, no seu canto, cantar a sua história, cantar a sua cultura, cantar a sua fé. Os cantos, chamados no reinado de toadas, evocam tanto a alegria quanto a tristeza, mas têm como um dos objetivos incentivar a buscar, a ver o que está além das aparências: aguçar os sentidos para “ter olhos de ver e ouvidos de escutar”.



As toadas do Reinado se apresentam de acordo com a situação: louvor aos santos padroeiros, louvor às coroas sagradas, cumprimento aos capitães, aos irmãos do Rosário e ao povo em geral, de acordo com cada situação. Existe um cuidado visando que elas sejam usadas para cada objetivo e para cada finalidade. Se é para louvar os santos, é uma toada de louvor aos santos padroeiros do Reinado ou alguma toada que tenha “tilêlê”; se é para as coroas, é uma toada que se refere às coroas ou alguma toada que tenha “tilêlê”; se é para louvar outro terno, os irmãos do Rosário, os capitães ou, no caso, a capitã detém a sabedoria de colocar a toada específica para cada situação.

10 As gravações foram realizadas na Escola de Música da UFMG, sob a coordenação da mestra, produção de Bárbara Altivo, acompanhamento de Dalva Maria Soares e apoio técnico de Fernando Braga Campos.

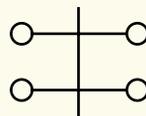
As toadas são dotadas de poder transformador, ou seja, de alterar estados de consciência e sentimentos. O domínio desse poder mágico e comunicacional atua na conversão da perspectiva ou do jeito de olhar que tem implicações práticas sobre os estados psíquicos das pessoas. Tem toadas que servem para acalmar, servem para desfazer demanda, servem para vencer demanda, o que amplia a variedade dos cantos e de suas formas de uso. O que se espera como efeito é levar uma introspecção, uma concentração, harmonia, união, pra tirar males e malefícios, para curar as pessoas de forma física e espiritual. O efeito delas no reinado são esses. Muitas vezes as pessoas choram, porque elas são tocadas em sua intimidade, elas são tocadas no seu interior e em sentimentos profundos, por vezes ancestrais.

Capitã Pedrina tem as toadas como pontos de alegria por cumprir seu papel como líder espiritual e intelectual do Reinado com o coração pleno de amor. No momento em que ela canta as toadas, sua voz externa o sentimento que ela tem naquele momento, propiciando às pessoas que ouvem o que é cantado sentirem a intenção que está em sua base. As toadas são meios para, de forma especial, curar as pessoas, para ajudá-las a refletir sobre a vida, sobre o que elas são, sobre os porquês da vida, sobre o que elas estão fazendo, sobre qual é a sua missão na terra. Vale dizer que

os padrões de comunicação de matriz africana preservam a integridade do indivíduo e sua voz pessoal, mas fazem isso no contexto das atividades em grupo. Na música, um dos efeitos desse modo de discurso oral é que a individualidade, em vez de reprimida pela atividade grupal ou ser equiparada à especialização, floresce coletivamente. Há algo tão penetrante na música que até nossa alma capta a mensagem” [...] “o teólogo negro James Cone observa que a música negra é uma música que remete à unidade. Ela une a alegria e a tristeza, o amor e o ódio, a esperança e a desesperança dos negros. A música negra é unificadora porque coloca o indivíduo diante da verdade da existência negra, e afirma que ser negro é possível num contexto comunitário. A música negra é funcional. Seus propósitos e objetivos se relacionam diretamente com a consciência da comunidade negra (COLLINS, 2019, p. 192).

O patrimônio de toadas dominadas pela Capitã Pedrina se estende a um conjunto de mais de 400 (quatrocentas). Vale dizer que as toadas também

são acompanhadas de performances corporais, inflexões vocais e modos de coordenação de tocadores e tocadoras e de dançantes. O domínio completo desses processos performáticos renderá resultados mais efetivos em relação aos efeitos pretendidos e compreende tanto um saber-fazer quanto uma poética que requer astúcia, treinamento e tempo para uma melhor execução.



A sabedoria das folhas

Ao caminhar pelas ruas de qualquer cidade, mestra Pedrina está sempre atenta às plantas que aparecem pelo caminho. Muitas vezes, durante o trajeto que faz para os vários lugares que precisa ir, observa as plantas e se lembra que muitas pessoas consideram-nas mato. Mas, onde a maior parte das pessoas não está vendo nada ou está vendo mato, a mestra está vendo remédios, cura e elementos de conexão com a espiritualidade.

Sua iniciação na ciência tanto das plantas medicinais quanto das plantas sagradas se deu com seu pai e sua mãe que, na tradição de reinadeiros, umbandistas, benzedores e raizeiras, haviam aprendido de seus pais e mães, avôs e avós, bem como nas conversações com as entidades espirituais. Desde pequena, na casa onde cresceu, já aprendia sobre as propriedades e usos das plantas e ervas, inclusive daquelas que crescem no meio da rua, mas que são comestíveis e têm propriedades nutricionais muito importantes, como o ferro.

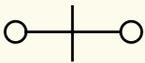
Pedrina também aprendeu por meio da Umbanda. Nas conversações com caboclos, boiadeiros e pretos velhos, marujos e marinheiros¹¹, seu conhecimento foi ampliado e, mais recentemente, com sua iniciação no *Kandomblé*, abriu uma gama ainda maior de conhecimentos sobre as plantas

¹¹ Trata-se de espíritos que trabalham na Umbanda e detém o conhecimento das plantas e ervas medicinais.

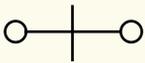
medicinais. Tal aprendizado se dá com os zeladores e a comunidade também com os quais Pedrina mantém uma intensa participação. Como é costume dizer nessas comunidades, “sem folha não tem *Kandomblé*”, reafirmando um respeito profundo pelos entes naturais que guardam as plantas e se presentificam nelas como também uma ética que distribui o poder da existência para além de um humanismo auto-centrado.

Seguindo os ensinamentos que recebe e compartilha, acredita que o ser humano aprende, aprende, aprende e morre sem saber. Seus quase 50 anos no Reinado e os poucos, porém profundos e distintivos anos no *Kandomblé*, não lhe permitem praticar nenhuma forma de soberba. Cada vez que aprende uma coisa, que vê uma planta ou erva que cura, que sirva para comer, que sirva para tomar um chá, que sirva para fazer um banho e constata o seu efeito poderoso, enche-se de felicidade e agradecimento a *N’Zambi* (Deus) entendido como a própria natureza que dispõe dos remédios adequados para curar quaisquer males da carne, propiciando saúde ao corpo físico, ao corpo espiritual, ao corpo mental e ao corpo emocional. Vê, nas ervas, o poder de fazer com que as pessoas se transformem positivamente e se sobressaiam nas mais variadas situações da vida, agindo na saúde de forma integral, modificando a disposição emocional e mental, auxiliando para que as pessoas atinjam seus objetivos.

Seus conhecimentos, dentre um vasto leque bem específico, contemplam de forma geral:



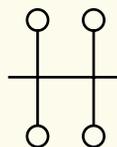
banhos: para facilitar o trabalho de parto, limpeza espiritual, energéticos, equilíbrio mental e emocional, tratamento de doenças diversas;



remédios (chás, unguentos, pomadas): para males comuns como diarreias, resfriados, algumas doenças infecciosas, dores diversas, problemas de circulação sanguínea, auxiliares no tratamento do câncer, limpeza e bom funcionamento uterino, equilíbrio hormonal, fortalecimento imunológico, dentre outros.

Vale dizer que o conhecimento e o trato das plantas envolve também conversações com o mundo espiritual sob a forma de cantos, benzeções, rezas, mandingas e simpatias. Tudo é observado e guiado: a planta a ser aplicada,

o horário de colhê-la, o modo de prepará-la, a quantidade, as combinações entre distintos tipos de plantas, os horários e doses de administração, o período do tratamento etc. Trata-se de um manancial de conhecimentos infinito que teve e ainda tem um papel importante nos cuidados da saúde de parcelas consideráveis da população brasileira. Em outros momentos, antes da instituição do SUS, por vezes significaram o único amparo de uma ampla gama de cidadãos não assistidos pelas políticas de saúde pública. Em contraponto, o reconhecimento desses saberes não acompanha a sua amplitude e eficácia, sendo muitas vezes alvo de escárnio ou desdém.



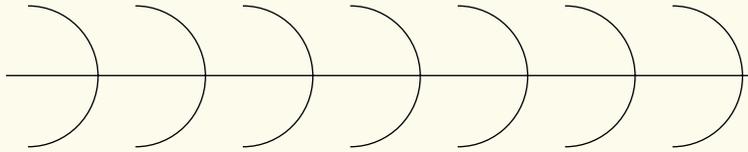
O poder do Rosário como meio

A ritualística cantada e dançada pelas guardas reinstaura a aparição de Nossa Senhora do Rosário, mito fundador do Reinado. Pelas águas do mar chegou a senhora que aliviou a dor e o sofrimento dos negros, a grande mãe que não se deixou ser capturada pelo catolicismo branco e seguiu sentada sobre o tambor de kandombe até a casa sagrada dos negros, os seus terreiros. A Senhora do Rosário chorou, chorou muito com e pelos negros. A crueldade humana, o peso da chibata, as humilhações, as torturas, todas as dores da escravidão fizeram a santa derramar um desatino de lágrimas, que no chão viraram sementes.

Grãos formadores do Rosário dos Pretos, contas fecundantes ligadas pelo fio da irmandade, marca de um povo que laboriosamente transcria as memórias e os laços de parentesco desterritorializados com violência pela diáspora escravagista. O rosário é artefato que cruza o peito dos reinadeiros, é instrumento de proteção, cura e benzeção, é conta de Umbanda e Kandomblé, é a festa, é a própria comunidade. A polivalência desse rosário deslinda a filosofia negra e usos rituais afro-brasileiros de um elemento marcadamente

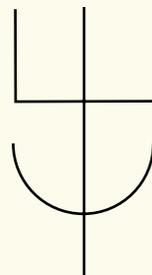
católico, astúcia de quem soube se infiltrar no seio dos símbolos cristãos e mobilizá-los africanamente, herança mítica que “se imbricou no tecido da hagiografia católica, modificando-a e modificando-se” (LOPES, 1988, p. 102).

As contas de lágrimas reunidas em Rosário estão presentes de diferentes maneiras e intensidades tanto nos rituais festeiros da irmandade dos Leonídios (no reinado, Umbanda e Kandomblé) quanto no cotidiano. Rosário cruzado fecha o corpo. São tecnologias de defesa contra feitiço, olho grande e todos os tipos de ameaças que correm soltas nos dias de festa, as quais também se manifestam em forma de preconceito racial e ódio religioso. Os congadeiros não fazem nada sem a sua “armadura” ao longo dos nove dias de cortejo pela cidade. A festa é muito forte, e por isso mesmo extremamente perigosa. “O Reinado move céus, terra e mar!”, costuma dizer Pedrina. Os cantos e toques têm o poder de curar ódio, tristeza, rancor, memória de tempos dolorosos. Enfermidades das gentes do mundo dos vivos e daquelas que habitam o lado dos mortos, sobretudo das almas dos antigos negros escravizados, torturados, e de seus senhores e algozes. “Há um peso cármico que vem da escravidão que é muito forte na cidade de Oliveira, e no Brasil como um todo”.



O rosário de Maria é um enorme e complexo labor de cuidado com o povo de cá e de lá que vive imantado pelas agruras daquela época. Tempo que se vê reinstaurado na vida pública da cidade no período do festejo a partir de uma estrutura ritual fundada no deslocamento do trono coroado, guarnecido pelos dançadores e tocadores dos ternos, ao longo das ruas – pelas suas casas, encruzilhadas, cemitérios, comércio, escolas e demais espaços povoados por múltiplos seres, memórias e rastros da experiência da escravidão. Os pretos-velhos, espíritos de antigos negros cativos, nos toques de Umbanda que transcorrem a madrugada na sede dos Leonídios, costumam chacoalhar os rosários ao redor dos corpos doentes,

“descarregando” todos os maus agouros instalados. Os aparelhos, cavalos ou médiuns usam os colares da semente como espécie de conta ou guia, com a função de proteção, conexão com os espíritos e demarcação do pertencimento ao Reinado no plano dos espíritos. Marca dos reinadeiros e conexão entre eles, o rosário é lido como peça macabra pelas famílias brancas de Oliveira, elas mesmas ligadas ao contexto escravagista pelo lado da casa grande, continuidade dos senhores donos das lavouras de café que até hoje são sustentadas pelo trabalho dos negros da região. Nesse contexto, o objeto recebe o seguinte estigma: coisa de “preto macumbeiro”. Um abismo social e racial grita na topografia da cidade, em seu comércio, divisão de trabalho e renda. Portar o rosário no peito é carregar um lugar, uma história, um compromisso comunitário diante da hostilidade do olhar que vigora na cena pública de Oliveira. É ter a coragem de dizer de si, reconhecer-se perante aos seus e aos outros, armar-se e seguir na labuta da vida. Como diz uma toada de *massambike*: “As contas do meu rosário São balas de artilharia, Dá combate no inferno Enquanto rezo Ave-Maria”.



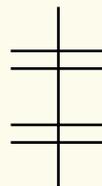
Assim, do ponto de vista comunicacional, podemos pensar a ação com as contas do rosários sob dois aspectos principais. Um como tecnologias de acesso na comunicação intermundos. Nesse sentido, os meios são também agências produtoras de fluxos e processos. Como a lágrima, os meios podem ser reperspectivados, ganhando uma humanidade própria. Meio é gente (OLIVEIRA & ALTIVO, 2019). Por outro lado, aponta para processos de subjetivação política ou empoderamento. Como chama a atenção Catherine Walsh a partir da

abordagem da interculturalidade, em oposição às opções autoritárias do multiculturalismo, da diversidade na unidade ou da mestiçagem, esta se vê como contra-hegemônica, “enfocada en revertir la designación (...) de algunos conocimientos como legítimos y universales y la relegación de otros, especialmente aquellos relacionados con la naturaleza, el territorio y la ancestralidad, al espacio local de saberes, folklore o del mundo de la vida” (2002, p. 22). É nessa linha de pensamento que Pedrina tem localizado a força do Rosário: o fortalecimento da subjetividade agenciado pela conta de lágrima tanto num movimento centrípeto, ou seja, como meio de comunicação de coletivos e comunidades, quanto centrífugo, ou seja, no diálogo intercultural. Os processos de subjetivação política em tela não depuram natural e social na relação com a ancestralidade, nos processos de reconhecimento mútuo entre parentela divina e terrena, na força feminina que os enseja, nas tecnologias e manejos precipitados pelos líderes religiosos, intelectuais, filósofos e cientistas do Reinado de matriz africana, bem como no treinamento de qualidades essenciais para o preparo e enfrentamento das lutas.

A relação com a ancestralidade, localizada no tempo mítico e histórico, vivenciada cotidianamente, permite ao sujeito enxergar-se como pertencente a uma linhagem. A conta é experiência viva que, colada aos corpos negros, sob a forma de colares, ou seja, de contas encaixadas em sequência, reafirma esse pertencimento, o não estar sozinho no mundo. Saber de onde se vem, saber que de onde se vem é um lugar bonito, fortalece as conexões presentes e as relações com os ancestrais “naturais”, as forças da natureza (ar, água, terra, fogo) que são também qualidades no ser e marcas no grupo. Isso promove um senso de preservação ampliado e a dilatação das possibilidades recursivas de expressão de si e tecnologias do comum em face de processos genocidas, epistemicidas e cosmicidas que apagam ou demonizam os ancestrais, destruindo mundos e impondo a biopolítica.

As linhagens ancestrais retrocedem e conduzem à força mítica da mãe protetora maior, a força da mulher que, como portal sagrado de mundos, traz os seres à vida no plano físico e os reconduz a outras vidas. Essa força se consubstancia em Nossa Senhora do Rosário, dotada de um afeto infinito que ampara e sustenta, base do respeito às mães terrenas, esposas, irmãs, companheiras e conselheiras com quem se compartilha nos cortejos sagrados. Essa força da mulher é claramente um contraponto ao outro hostil e às lógicas masculinizantes do capitalismo e seus arcabouços morais

fincados no patriarcalismo. A conta é a lágrima justiceira de Nossa Senhora do Rosário. Por fim, é preciso lembrar que a conta é tecnologia de acesso ao mundo espiritual do qual se vale a reinadeira Pedrina, manejadora das forças da natureza e da conexão com os parentes de hoje, de ontem e de sempre com quem desenvolve relações próximas e íntimas. Ser portadora dessas habilidades – recebidas dos governos maiores e/ou aprendidas ao longo da vida inteira – exige disciplina, observância rígida de preceitos e liberação do tempo para o trabalho espiritual. Nesse mesmo sentido, o descarrego do Rosário dos reinadeiros desafia também essa conexão viciada com as lógicas capitalísticas, afirmando o que chamamos de contemplação/arrebatamento, como fundamento dos deslocamentos entre mundos. Quando a Capitã Pedrina manipula e veste o Rosário comandando os tambores e instrumentos rituais, ela é trabalhadora da palavra, da cura – de modo indissociável, a cura de si, a cura coletiva, a cura da memória. Para tudo isso, é preciso contar com a força da conta, além de respeitar rígidos códigos de conduta no que tange à alimentação, aos cuidados do corpo e do espírito e à observância de diversos tipos de interdições.





Manjerição





Arruda

A photograph of a woman sitting on a dark bench in a room with blue walls. The room has a doorway with a sign that reads "MASSAMBIQUE DAS MERCES 53 ANOS". There are several small, round objects hanging from the ceiling and on the walls. The woman is wearing a white t-shirt, blue jeans, and a headband. The floor is tiled.

MASSAMBIQUE
DAS MERCES
53 ANOS





























































Akoko

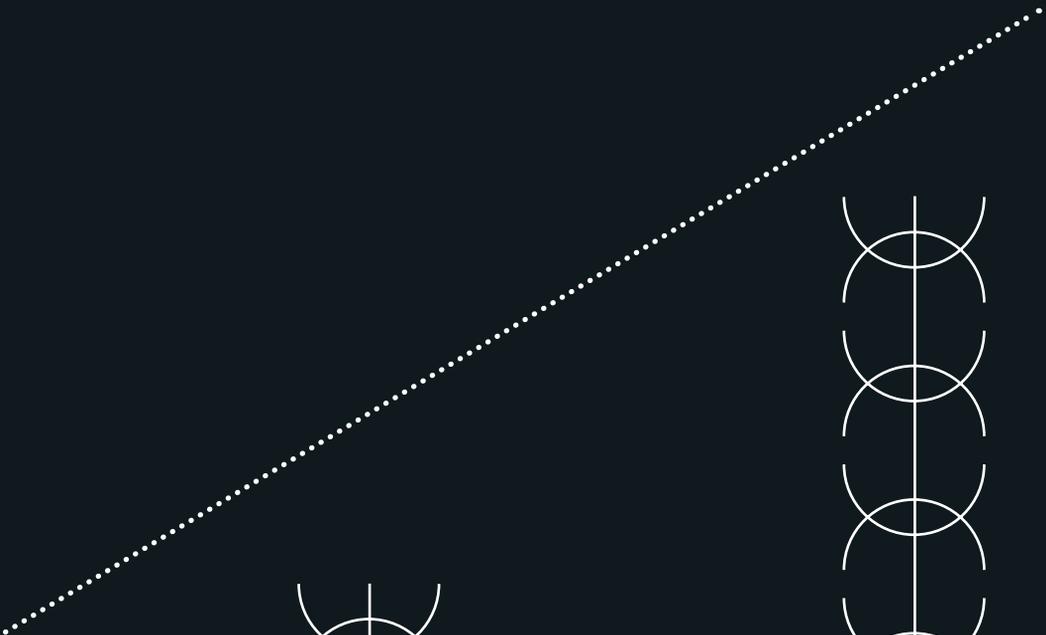
Lista de fotografias

- Casa Azul durante a festa do Rosário. Foto: Júlia Braga.
- Seu Leonídio (à esq.) e Dona Ester segurando a bandeira do massambike de Nossa Senhora das Mercês na década de 1970. Acervo familiar.
- Pedrina de Lourdes Santos aos 15 anos, em celebração da Semana Santa na Igreja católica de Oliveira-MG. 1976. Acervo familiar.
- Pedrina dança no Reinado, grávida de seu segundo filho Domingos, 1985. Acervo familiar.
- Detalhe dos enfeites no terreiro da Casa Azul durante a Festa do Rosário. Foto: Marco Antônio Sá, 2007.
- Pedrina (ao fundo), ao lado de Amásia (à dir.), à frente seu irmão, Capitão Antônio. 1981. Acervo familiar.
- Cortejo da Festa do 13 de maio em Oliveira, 2011. Acervo familiar.
- Reinado de Nossa Senhora das Mercês. Capitã Pedrina (centro), seu filho Domingos (à esq.), sua filha Ester (à dir.) na Festa do Rosário em Oliveira. Foto: Davi Marques, 2012.
- Pedrina segura a mão de Pai Marujo (incorporado por Ta'etu Odedoiji), após passarem a noite em trabalhos espirituais, no contexto de uma viagem ao Kilombo Santa Rosa dos Pretos em Itapecuru-Mirim-MA para gravação do documentário Crioula Reinado. Acervo da produção do documentário, 2017.
- Criança do Reino Os Leonídios. Foto: Myrian Villas-Boas, 2009.
- Crianças dançadoras do massambike de Nossa Senhora do Rosário dos Leonídios. Foto: Myrian Villas Boas, 2009.
- Firmeza no pé do cruzeiro na sede dos Leonídios. Foto: Júlia Duarte, 2017.
- Capitã Pedrina e seu irmão Capitão Antônio em saudação na Casa Azul. Foto: Myrian Villas Boas, 2009.
- Louvor ao pé do mastro da bandeira de 2015. Foto: André Santos.
- Bandeira na porta da Casa Azul na semana do Reinado em Oliveira-MG. Foto: Marco Antônio Sá, 2007.
- Criança do Reino Os Leonídios. Foto: Myrian Villas Boas, 2009.
- Detalhe dos enfeites de teto da Casa Azul. Ao fundo, mesa posta para o almoço. Foto: Julia Braga, 2017.
- Boi do Rosário no início da Festa do Kongo na cidade de Oliveira - MG. Foto: Júlia Duarte, 2017.
- Bandeiras levantadas na porta da Casa Azul na semana do Reinado na cidade de Oliveira-MG. Foto: Júlia Braga, 2007.
- Hender, bisneto do Sr Leonídio e da Sra Ester, no descimento dos mastros na praça XV de Novembro, Oliveira-MG. Foto: Myrian Villas Boas, 2005.
- Capitã Pedrina se preparando para firmar o terno de massambike de Nossa Senhora das Mercês na Casa Azul, na semana da Festa do Rosário. Foto: Regyna Santos, 2007.
- Aula ministrada pela capitã Pedrina no curso Catar Folhas: Saberes e fazeres de axé na Estação Ecológica. Frame: Registro audiovisual da aula, 2016.
- Aula ministrada pela capitã Pedrina no curso Catar Folhas: Saberes e fazeres de axé em sala de aula. Frame: Registro audiovisual da aula, 2016.
- Saída da Sede dos Leonídios na Festa da Abolição, 2015. Acervo familiar.
- Visita realizada na sede do massambike de Nossa Senhora Aparecida durante os dias do Reinado na cidade de Oliveira-MG. Foto: Marco Antônio Sá, 2007.
- Visita realizada na semana da Festa do Kongo pelo massambike de Nossa Senhora das Mercês no bairro das Graças durante os dias do Reinado na cidade de Oliveira-MG. Foto: Marco Antônio Sá, 2007.
- Massambike de Nossa Senhora das Mercês cumprimentando os mastros na porta da sede da Casa Azul antes da procissão no último dia da Festa do Kongo. Foto: Marco Antônio Sá, 2007.
- Ivair, neto do Sr Leonídio e da Sra Ester, segura o rosário. Foto: Myrian Villas-Boas, 2009.
- Dançador ajudando a enfeitar a Casa Azul para os dias do Reinado. Foto: Júlia Duarte, 2017.
- Pedrina, em seu traje de Capitã, no território da Casa Azul: amor e alegria como saber e re-existência. Foto: Marco Antônio Sá, 2007.
- Pedrina em ação cotidiana de soberania de si, caminha com seu traje do kandomblé Angola-Muxikongo pela Praça Sete em Belo Horizonte-MG. Foto: Cyro Almeida, 2022.

TRABALHOS ACADÊMICOS E PRODUÇÕES ARTÍSTICAS

contribuições do pensamento-ação e
das performances da Capitã
Pedrina de Lourdes Santos





Artigos acadêmicos

SILVA, Aline Ribeiro da; SILVA, da Cristiane Valéria; AQUINO, Magno Geraldo. **Entre mastros e coroaos**: o congadeiro como um porta-voz do enfrentamento do estigma e do preconceito. 16o Encontro Nacional ABRAPSO. 12 - 15 de novembro de 2011. Campus UFPE. Acessível em <https://bit.ly/2HzwDnM>

SOARES, Dalva Maria. “¡Mucha religión, señor!”: entre santos, espíritus, negros viejos, pombas-gira y nkisis. **Batey: una revista cubana de Antropología Social**, v. 10, n. 10, p. 119-135, 2017. Acessível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6059559>

PIRES, Fernanda. **As lutas políticas dos congadeiros da cidade de Oliveira (MG)**, 1950-2009. Revista Espacialidades, v. 6, n. 05, p. 74-101, 2013. Acessível em: <https://periodicos.ufrn.br/espacialidades/article/view/17600>

OLIVEIRA, Fernanda C. de et al. **Carne quebrada, osso rendido, nervo ofendido – encontro de saberes para curar maus encontros**. Anais da ReACT-Reunião de Antropologia da Ciência e Tecnologia, v. 3, n. 3, 2017. Acessível em: <http://ocs.ige.unicamp.br/ojs/react/article/download/2785/2647>

OLIVEIRA, Luciana de; SANTOS, Ester Antonieta; DE JESUS, Eduardo Antônio. **Corpo negro na imagem: à escuta de Zózimo Bulbul e de Yasmin Thayná**. Esferas, v. 1, n. 16, 2020. Acessível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/view/11076>

OLIVEIRA, Luciana de; ALTIVO, Bárbara Regina. **Numa encruzilhada, dois campos: a lágrima como meio nas experiências do sagrado e de luta política contracolonial do Rosário negro e do Ñembo'e Kaiowá**. Ação Midiática–Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura., p. 131-152, 2019. Acessível em: <https://revistas.ufpr.br/acaomidiatica/article/view/66822>

KIDDY, Elizabeth W. **Congados, Calunga, Candombe: Our Lady of the Rosary in Minas Gerais, Brazil**. Luso-Brazilian Review, p. 47-61, 2000. Acessível em: <https://www.jstor.org/stable/3513857>

DEMPSEY, Genevieve EV. **Captains and Priestesses in Afro-Brazilian Congado and Candomblé**. *Ethnomusicology*, v. 63, n. 2, p. 184-221, 2019. Acessível em: <https://www.jstor.org/stable/10.5406/ethnomusicology.63.2.0184>

KIDDY, Elizabeth W. **Progresso e religiosidade: Irmandades do Rosário em Minas Gerais, 1889-1960**. *Tempo*, n. 12, p. 93-112, 2001. Acessível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1670/167018164005.pdf>

GUIMARÃES, César et al. **Por uma universidade pluriepistêmica: a inclusão de disciplinas ministradas por mestres dos saberes tradicionais e populares na UFMG**. *Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia*, v. 4, n. 2, p. 179, 2016. Acessível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/tessituras/article/view/9762>

SOARES, Dalva Maria; LOPES, Maria de Fátima. **De capitão a capitã: a inserção das mulheres em espaços tradicionalmente masculinos no congado mineiro**. Artigo apresentado em congresso. *Fazendo Gênero*. Florianópolis, 2008. Acessível em: http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/fg8/sts/ST30/Soares-Lopes_30.pdf

SILVA, José Carlos Gomes da. **MÚSICA CERIMONIAL E DISCURSO ESCRAVO NA CONGADA**. *História e Perspectivas, Uberlândia* (32/33): 195-219, Jan.Jul./Ago.Dez.2005. Acessível em [file:///C:/Users/Natalia%20Bruce/Downloads/19025-Texto%20do%20artigo-71833-1-10-20060929%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Natalia%20Bruce/Downloads/19025-Texto%20do%20artigo-71833-1-10-20060929%20(1).pdf)

Publicações da capitã Pedrina

SANTOS, Pedrina de Lourdes. **O reinado em Oliveira**. *Boletim da Comissão Mineira de Folclore*. No 15. Ano 1992. Disponível em http://www.afagouveia.org.br/Revista_N15_A1992_Santos.htm

SANTOS, Pedrina de Lourdes. **Reinado de Nossa Senhora do Rosário em Minas Gerais**. *Revista da Comissão Mineira de Folclore*, No 24, Maio de 2005.

Livros, dissertações teses

SOARES, Dalva Maria. “Muita religião, seu moço!”: os caminhos de uma congadeira. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina (tese de doutorado), 2016. Acessível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/168273>

ALTIVO, Bárbara Regina. Rosário dos kamburekos: espirais de cura da ferida colonial pelas crianças negras no Reinadinho (Oliveira-MG). Universidade Federal de Minas Gerais (tese de doutorado) 2019. Acessível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/30884>

QUEIROZ, Sônia. *Vissungos no Rosário*: cantos da tradição banto em Minas. FALE/UFGM: Belo Horizonte, 2016. Acessível em: http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/documentos/eventos/vivavoz/Vissungos.pdf#page=33

KIDDY, Elizabeth W. *Blacks of the rosary: memory and history in Minas Gerais, Brazil*. Penn State Press, 2005. Acessível em: <https://books.google.com.br/books?hl=en&lr=&id=8bUX-U2GLosC&oi=fnd&pg=PP21&dq=pedrino+de+lourdes+santos&ots=QwoJQ5ddfA&sig=giCDy-RrYv1osYBB7R6nVeJmzE#v=onepage&q=pedrino%20de%20lourdes%20santos&f=false>

PEREIRA, Raquel Machado. “Vestígios e tradição= uma investigação sobre o corpo poético da Congada= Traces and tradition: an investigation into the poetic body of the Congada.” Unicamp (Dissertação de Mestrado), 2017. Acessível em: <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/321952>

NEVES, Talita Viana. “O Moçambique de Tonho e Lena: um eixo na tradição afro-brasileira do reinado de Nossa Senhora do Rosário.” Universidade de Brasília (Tese de Doutorado), 2018. Acessível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/34862>

IVO, Sávio de Lima. “O espaço e a atualização do mito nas festas de Reis Negro a multiforme poética da travessia.” Universidade de Brasília (dissertação de mestrado), 2009. Acessível: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/2224>

RUBIÃO, Fernanda Pires. “Os negros do Rosário: memórias, identidades e tradições no congado de Oliveira (1950-2009).” Universidade Federal Fluminense (Dissertação de mestrado), 2010. Acessível em: <http://cmsportal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Os%20negros%20do%20ros%C3%A1rio.pdf>

NOVAES, Fernanda Abbatepietro. A corporeidade de crianças congadeiras: vivências na religiosidade e escola. Universidade do Estado de Minas Gerais (Dissertação de mestrado), 2018. Acessível em: <http://www.ppgeduc.uemg.br/wp-content/uploads/2019/01/FERNANDA-ABBATEPIETRO-NOVAES.pdf>

CASTANHA, Taisa Domiciano. “Religiões afro-brasileiras em Belo Horizonte e região metropolitana: conflitos, violências e legitimação.” Universidade Federal de Minas Gerais. (Dissertação de mestrado), 2018. Acessível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-B9AHRF>

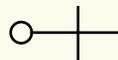
LUCAS, Glauro. “Diferentes perspectivas sobre o contexto e o significado do Congado Mineiro.” TUGNY, Rosângela Pereira de; QUEIROZ, Rubens Caixeta de. *Músicas africanas e indígenas no Brasil. Belo Horizonte: Editora UFMG* (2006).

SILVA. Aline Ribeiro da. **Os contos da memória nas contas do Rosário**: a formação cultural meio à Festa de Nossa Senhora do Rosário em Oliveira - MG. 2015 Acessível em <https://bit.ly/3083qXd>

SÁ, Marco Antônio Fontes de. **Negra Devoção**: Leitura da Cosmologia Bantu “escrita com a luz” nas festas de N. Sra. do Rosário e São Benedito. Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação de Ciência da Religião, área de concentração – Estudos Empíricos da Religião. PUC - SP, 2016

Material jornalístico, audiovisual e artístico

Apresentação Mestra Pedrina. Página Saberes Tradicionais. Universidade Federal de Minas Gerais. Acessível em: <https://www.saberestradicionais.org/pedrina-de-lourdes-santos/>



Videoaula com Mestre Pedrina #01. Página Saberes Tradicionais. Universidade Federal de Minas Gerais. Acessível em: <https://www.saberestradicionais.org/videoaula-com-mestra-pedrina-de-lourdes-santos-01/>

Homenagem Segunda PRETA à Capitã Pedrina. Página no movimento de teatro Segunda PRETA. Acessível em: <http://segundapreta.com/capita-pedrina-de-lourdes/>

Apresentação DVD Sá Rainha, da cantora Titane. YouTube. Acessível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GUTdbHKZhkI>

Documentário “Crioula Reinado”. Acessível em: <http://maranha.com.br/portfolio/crioula-reinado-o-filme/>

Mestres de saberes tradicionais abrem semestre de formação transversal. Página da UFMG. Acessível em: <https://www.ufmg.br/online/arquivos/042584.shtml>

Álbum Os Negros do Rosário. OS NEGROS DO ROSÁRIO (LP/1992), (CD/1999). Acessível em http://www.discosdobrasil.com.br/discosdobrasil/consulta/detalhe.php?Id_Disco=DI03743

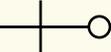


Algodão

DEPOIMENTOS, CARTAS E OUTRAS MANIFESTAÇÕES

apoios à candidatura de Pedrina e
reconhecimento de seu Notório Saber





Alice pinto sales

muzenza do terreiro nzo *onimboya*, sobrinha de *makota valdina pinto*

então o. pedrina tem o conhecimento espiritual, o conhecimento tradicional e o conhecimento medicinal. ela é um ser de luz, onde a gente pôde conviver uma semana, cinco dias, vamos dizer assim, mas que pude aprender muito, muito, muito, muito: com as ervas, com as raízes, com as beberagens, o que eu pude aprender e que ela pôde compartilhar pra gente, eu guardo até hoje.

. depoimento enviado pelo aplicativo *Whatsapp* a Ester Antonieta Santos em 02/10/2020 .



Ana Luzia da silva morais

rainha do massambike de nossa senhora das mercês - Leonídeos - oliveira-MG

não sei se capitã pedrina consegue mensurar como ela alcança e move as pessoas que estão abertas a ouvir o seus saberes, o que eu vejo acontecer dentro da festa do rosário de oliveira, nos espaços universitários, no encontro de cultura é uma mulher preta que lutou muito e continua lutando pela história dos seus ancestrais, capaz de compreender a complexidade dos universos distintos e mesmo assim promover diálogo, construir pontes e mover pessoas.

. depoimento enviado por *email* a Ester Antonieta Santos no dia 15/10/2020 .

André Brasil

departamento de comunicação social – UFMG

em 2017, no âmbito de um Laboratório de documentário, em paralelo à disciplina catar folhas, pudemos retribuir as visitas de pedrina a universidade, nos deslocando até oliveira (MG) para a festa de nossa senhora do rosário, quando testemunhamos a saída do boi, seguida dos toques do candombe. experienciamos assim o acolhimento e a força de organização coletiva, capitaneada por mestra pedrina, ciosa de cada detalhe de feitura da festa, atenta ao legado da tradição. A visita resultou no filme o boi de oliveira (2018), filmado e montado pelos alunos do Laboratório.

. depoimento enviado via *Whatsapp* a Ester Antonieta Santos no dia 06/10/2020 .



André santos

fotógrafo – rio de Janeiro

os santos, a fé, tradição, as pessoas (muitas e de todas as idades). tudo lá.

fui apresentado a uma mulher negra que, hoje sei, de pequena só tem as dimensões. seu olhar firme, que transforma e abraça como um abraço de quem nos conhece há tempos.

ouso dizer que ela é o rio até nossos ancestrais.

. depoimento enviado via *email* a Ester Antonieta Santos no dia 07/10/2020 .

Amanda vargas

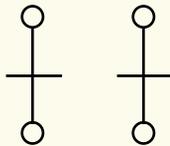
vereadora - oliveira-MG

para mim, a capitã pedrina encarna os deuses da religiosidade afro-descendente que residem em cada célula dos corpos materiais e espirituais. creio que o reinado de nossa senhora do rosário, e a capitã pedrina nos impelem a sermos perseverantes e resistentes.

sabedoria de capitanear, ensinar, orientar, guiar, que abre caminhos, abre visões para este planeta terra e para outros mundos. convidando a gente a querer outro mundo, mais fraterno, mais justo e mais feliz.

eu louvo, agradeço e peço saúde e muita vida para capitã pedrina, porque ela virou parte de mim, do que me tornei, da minha vida. capitã que é história viva do nosso povo, e pulsa em cada batida de tambor, retumbando no meu coração, como a parte mais bonita.

. carta enviada via aplicativo *Whatsapp* a Ester Antonieta Santos em 11/10/2020 .



Bárbara Regina Altivo

doutora em comunicação social/consultora independente nas áreas de comunicação e cultura

quero destacar a importância e a singularidade do trabalho de orientação que recebi de Pedrina Lourdes dos Santos no processo de construção da tese intitulada “Reinado dos Kamburekos: espirais de cura da ferida colonial pelas crianças negras no reinadinho (oliveira-MG)”, defendida em abril de 2019. Com a guiança de Pedrina, pude sofisticar as discussões teóricas do campo da comunicação intermundos, aprimorar as práticas metodológicas da pesquisa de campo, bem como fundamentar uma postura ética de pesquisa calcada nos princípios do respeito e da transparência na relação com os sujeitos envolvidos.

. carta enviada por *email* a Luciana de Oliveira em 22/03/2021 .

Cleusa Gonçalves

rainha do terno de Nossa Senhora das Mercês da Irmandade dos Leonídios - oliveira-MG

A importância e a atenção que ela dá pras pessoas que precisam de um ouvido espiritual, uma benzeção, ela sai da casa dela pra ir na casa da pessoa que tá precisando da caridade. Eu já vi ela curar uma pessoa que ia ter a perna amputada. Ela saía de baixo de chuva... eu fui com ela uma vez, eu tava lá e fui com ela duas vezes na casa dessa dona pra benzer, aí a perna dela cicatrizou. Foi com reza, com banhos, que ela tem um conhecimento muito grande de ervas, que herdou da mãe e do pai.

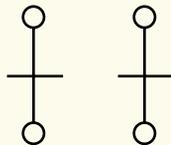
. depoimento registrado em áudio por Ester Antonieta Santos em 01/03/2021 .

daniele ramalho

curadora e gestora do projeto “África diversa”

considero que capitã pedrina é uma importante formadora, principalmente por portar conhecimentos que apenas alguém que vivencia os bens culturais em seu cotidiano pode assimilar. seu trabalho com a difusão e valorização da cultura brasileira, afro- mineira e dos reinados tem atravessado territórios e proporcionado a diversas pessoas, grupos e instituições reflexões em torno das possibilidades e desafios da manutenção e difusão de uma tradição viva e em constante movimento. A forma como alia os conhecimentos tradicionais, ancestrais, herdados em família, com novos conhecimentos, elaborados a partir de seus intercâmbios com instituições e pesquisadores, além de seu olhar inquieto sobre o mundo que a cerca, interagindo com questões de nosso tempo e criando e recriando as formas de diálogo do reinado com o mundo contemporâneo, impressionam a todos que a conhecem. É notório que seu discurso tem tocado os públicos mais diversos, talvez por conta de aliar profundidade teórica e forte reflexão filosófica das práticas que realiza, assim como pela valorização do encontro com o outro, promovendo trocas que potencializam a humanidade que há no homem. Em inúmeras idas a oliveira, percebo que capitã pedrina tem um papel fundamental em sua comunidade e cidade, na organização e realização das festas e rituais que acercam a tradição viva do reinado.

. depoimento enviado por *e-mail* a Ester Antonieta Santos em 09/10/2020.

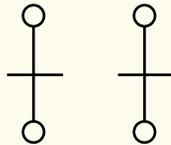


Davi Marques

educador entusiasta das tradições culturais populares brasileiras, filho de nossa senhora e irmão do rosário

E ao ouvi-la palestrar, entendi perfeitamente o porque tantas pessoas me falaram daquela senhora. certas estavam. A partir daquele momento ela ganhara mais um admirador, tamanha grandeza da alma que habitava aquele corpo feminino e miúdo. sua voz ecoava toda sua ancestralidade quando entoava seus cânticos, que me silenciaram por completo. neste mesmo ano fui conhecer a festa de sua cidade, oliveira, e, desde então lá se vão 10 anos... anos estes em que pude conhecer uma mulher admirável, de muita força e generosidade, que conduz uma grande família com pulso firme e uma dedicação que dá todo o sentido de sua existência, uma pessoa que se funde com sua tradição identitária a um nível peculiar as grandes mestras e mestres de cultura popular desse país. Essa minha caminhada junto à d. pedrina e aos “negros Leonídios”, me propiciaram uma reconstrução enquanto ser humano.

. depoimento enviado via *Whatsapp* a Ester Antonieta Santos em 05/10/2020 .

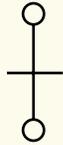


Fernanda Pires Rubião

doutora em história pela universidade Federal Fluminense (UFF)

pedrina tem três filhos, Pedro, Domingos e Ester, e todos eles participam do congado. Os filhos de sua falecida irmã Amásia- rainha conga- Kátia e Carlos- e seus netos- participam do festejo. É nítida a influência que Pedrina exerce na formação deles enquanto congadeiros: ensina os mandamentos e fundamentos. Era impressionante como Ester, na época capitã do terno de Massambique de Nossa Senhora do Rosário, em sua postura com todos no terreiro e quando estava no comando do terno são parecidas com a de Pedrina.

. depoimento enviado a Ester Antonieta Santos via *Whatsapp* em 14/03/2021 .



Francisco Rivero

Admirador

viernes, 19 de agosto, noche de Luna plena en el cielo de Paris.
esta ciudad... "luz", como se le conoce turisticamente me proporciono una maravillosa sorpresa, la presentación de la cofrería de Rosario de Oliveira, no se pueden ustedes imaginar la emoción que sentí al ver vuestra entrada digna y magestuosa sobre el escenario del espacio Brasil.
vuestros cantos y danzas se me hacían muy cercanos por su espíritu de fraternidad. sinceramente me sentía el ser más feliz del mundo en ese instante. porque participaba junto a ustedes en una especie de homenaje, al acto de RESISTIR Y TRANSMITIR.

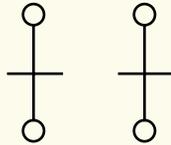
. depoimento enviado por *e-mail* a Pedrina de Lourdes Santos em 12/10/2005 .

Geraldo Bispo dos santos neto

capitão-mor da irmandade de nossa senhora do rosário de oliveira-MG

pra mim, me sinto muito à vontade de falar sobre ela, porque é uma pessoa especial, uma pessoa que me ajudou muito na minha caminhada, na minha juventude. dos conhecimentos que eu tenho, muito eu agradeço a ela por ter me ajudado, me chamado atenção, me mostrado os caminhos certos, embora a gente às vezes diverge em algumas questões, mas a pedrina, a capitã pedrina é uma pessoa muito centrada, é uma pessoa que procura e busca o conhecimento, que trabalha em prol da nossa raça, a cor negra, dos reinadeiros. uma pessoa que transmite a sua experiência, que os antigos não faziam ela faz hoje, que é transmitir o conhecimento aos mais novos e aos mais jovens e o trabalho dela é excepcional.

. enviado via *Whatsapp* a Luciana de Oliveira em 03/10/2020 .

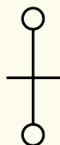


Glaucia Lucas

Escola de Música (UFMG)

Não tive o prazer de vê-la comandar seu próprio terno. Mas foram inúmeras as oportunidades em que pude assistir a palestras e falas da mestra Pedrina, em eventos acadêmicos, e também em encontros promovidos por outras instituições. Destaco sua palestra no I seminário sobre o congado de contagem, em 2011; sua participação nas oficinas do coletivo Cantares Afro-brasileiros, no 450. Festival de Inverno da UFMG, em 2013, e o módulo de aulas que conduziu na disciplina Catar Folhas: Saberes e Fazeres do Povo de Axé, no âmbito da Formação Transversal em Saberes Tradicionais, na UFMG, em 2017. Em todos esses eventos, a capitã Pedrina compartilhou, com eloquência e profundidade, conhecimentos cosmológicos, filosóficos, estéticos e procedimentais vinculados à memória ancestral de seu povo, que vêm sendo dinamicamente recriados nos reinos negros de Minas Gerais. Associada sobretudo a matrizes de saber bantu-afriancanas, essa gama de conhecimentos historicamente encontrou nas práticas do canto e da dança em torno do tambor – conector por excelência entre habitantes deste e de outros mundos – um terreno fértil para a proteção e renovação de experiências, e para a resistência diante das diversas formas de violência sofridas desde os tempos de escravidão, e que persistem nos modos de vida contemporâneos da colonialidade. Assim, as falas de mestra Pedrina sempre se acompanharam de momentos de canto e dança, a capella ou sob o comando dos tambores, instaurando nesses espaços outras temporalidades e inscrevendo modalidades ancestrais de vivência e transmissão de saberes. Em sua produção discursiva performatizada, elaborada conforme a necessidade ou volição comunicacional momentânea, podia-se verificar seu domínio artístico e sua habilidade expressiva e criativa.

. Depoimento enviado por e-mail a Luciana de Oliveira .

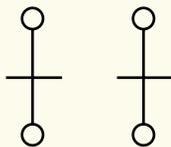


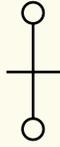
José Moreira de Souza

sociólogo - comissão mineira de folclore

Atenta a sua missão, Pedrina se abre para o saber do mundo “crioulo” – que se há de entender como expedientes de interpretação do saber viver em face às oportunidades e condições de viver em Minas Gerais, no vetor sudoeste de Minas Gerais, e seus respectivos desafios. O ápice desse saber crioulo se mostra exuberante, na ampliação das saudações. Do salve Maria, ao saravá! E do Moçambique ao Massambike!

. enviada a Ester Antonieta Santos via *email* em 02/10/2020 .





Lúcio vitalino

rei kongo de nossa senhora das mercês na irmandade nossa senhora do rosário de oliveira-MG

foi uma história diferente: ela entrou, já começou a ficar diferente, porque o pessoal não usava nem o saiote, quem usava saia no congado, no moçambique era o pai dela com o seu Altivo, que era o capitão que ajudava o capitão Leonídio. Aí começou a Pedrina, graças a Deus começou, depois de pouco tempo, infelizmente o capitão Leonídio, nossa senhora chamou pra morar junto com ela e as coisas foram ficando mais difícil. Foi ficando mais apertado, foi ficando mais complicado, mas Deus não desampara a gente, ela com a mãe, o capitão Antônio, já foi conseguindo fazer as coisas como tinha que ser feita pra melhor, e como melhorou. Meu Deus, como melhorou. De onde ele (sr Leonídio) estiver, deve estar muito satisfeito, porque as coisas tão indo muito bem. Pedrina passou a usar o saiote que eu já falei, os turbantes, que era diferente, igual eu já falei, era quepe e foi levando. Pedrina como sempre uma conta iluminada. Daí pra cá, chegou a fazer as viagens. Nós visitamos dentro do estado, ouro preto, tiradentes, fomos mais um pouquinho além, fomos à Brasília, Porto Alegre, e fomos viajando, levando o rosário de Maria... porque ela faz o rosário de Maria com muito amor, como fosse uma mãe. Todos que passaram lá na guarda, no quartel, sabe como é que é. Ela faz o rosário como uma mãe protegendo todos os seus filhos. Há muita disciplina, com muito carinho. Então ela trata o pessoal com uma proteção muito grande. Todo mundo que passa, vai ficar na história, vai ficar na lembrança esse rosário santíssimo que ela carrega com tanto carinho. É emocionante falar de Pedrina.

. enviado via *Whatsapp* a Luciana de Oliveira em 03/10/2020 .

Marco Antônio Sá

fotógrafo

...foi para mim uma experiência muito interessante ter conhecido a D. Pedrina, ter aprendido com ela uma série de coisas sobre o congado, sobre o reinado, coisas que despertaram a minha vontade de ainda mais conhecer melhor este legado da cultura africana bantu, que permanece conosco até hoje e que acabou resultando em um projeto de dissertação de mestrado que eu concluí em 2017, portanto, dez anos depois que eu conheci D. Pedrina. Ainda tem esse legado, ainda tem o ensinamento dela, o contato com ela ainda vai estar presente nessa dissertação de mestrado, inclusive em várias coisas que eu aprendi com ela.

. enviado via *email* a Ester Antonieta Santos em 01/10/2020 .

*Mãe conceição/mam'etu dya nkisi
Mavulegi
Pai sidney/tat'etu odecidoji*
NZÓ Atim oyá oderim

ela desde sempre pareceu ser uma pessoa de grande fé, responsabilidade com seus compromissos, de grande conhecimento da sua cultura e da sua fé, da sua religião. Nos demonstrou que aquilo que ela carrega é muito mais do que uma cultura, uma religião, não só na tradição dos antigos, mas tem a sua fé acima de tudo.

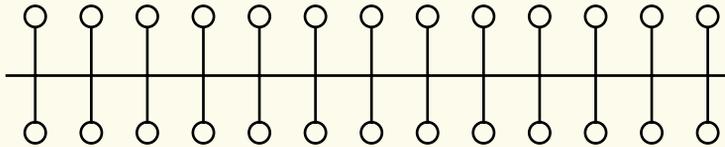
. enviado por *Whatsapp* a Ester Antonieta Santos em 29/09/2020 .

maurício tizumba

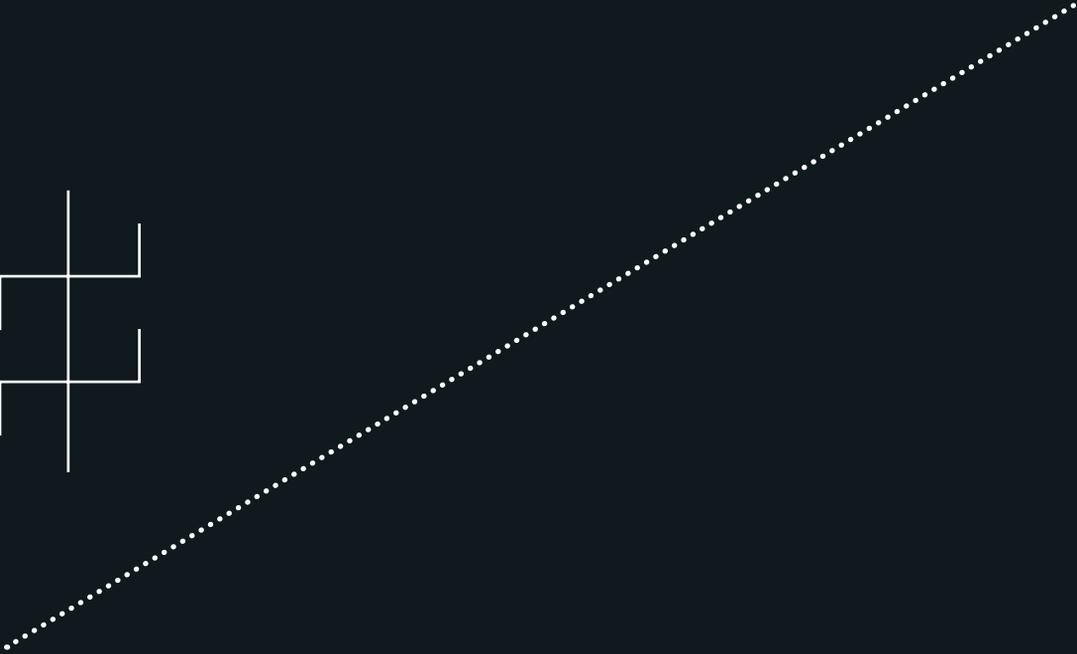
músico e produtor cultural

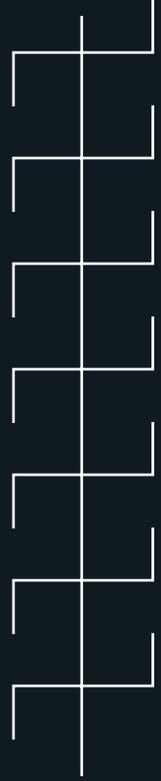
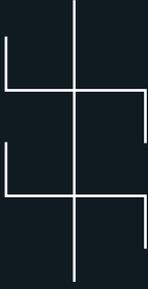
quando me deparei com a capitã, no primeiro cumprimento, o sentimento foi de que aquela mulher preta, de estatura pequena, se agigantou ao se ajoelhar e cantar rezando um pai nosso em língua bantu (katé jibuêto), mostrando assim sua liderança espiritual. E isso foi bonito de se ver. nesse momento, vi um caminho apontando não para a troca dos santos católicos, mas sim dando lugar também aos santos do n'guzo. dando o real valor aos inqices dessa gigantesca África fora da África, o Brasil.

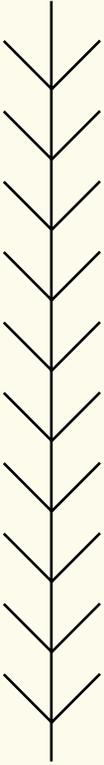
. enviado via *Whatsapp* a Ester Antonieta Santos em 20/10/2020 .



REFERÊNCIAS







ALTIVO, Bárbara Regina. Rosário dos Kamburekos: espirais de cura da ferida colonial pelas crianças negras do Reinadinho (Oliveira-MG). Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2019.

ALVES, Vânia de Fátima N. Os festejos de Nossa Senhora do Rosário em BH, MG: práticas simbólicas e educativas. 2008. 251 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, SP, 2008.

CARVALHO, José Jorge de. 'Espetacularização' e 'canibalização' das culturas populares na América Latina. *Revista Antropológicas*, v. 21, n. 1, p. 39-76, 2012.

CASTRO, Yeda Pessoa de. Das línguas africanas ao português brasileiro. *Revista Afro-Ásia*, Salvador, v. 1, n. 14, p. 81-106, 1983.

COLLINS, Patrícia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. *Revista Sociedade e Estado*. Brasília, v.31, n.1, p.99-127, 2016.

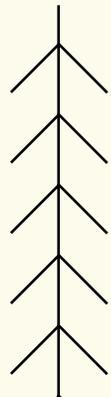
_____. *Pensamento Feminista Negro*. São Paulo, Boitempo Editorial, 2019.

CORRÊA, Juliana A. Garcia. De reinados e reisados: festa, vida social e experiência coletiva em Justinópolis/MG. 2009. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

_____. *Tem Festa de Tambor no Reinado de Nossa Senhora: Performance e Agência em torno das Coisas Congadeiras / Justinópolis MG*. 2018. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade Federal de Minas Gerais.

COSTA, Patrícia Trindade Maranhão. *As raízes da congada: a renovação do presente pelos filhos do Rosário*. 1. ed. Curitiba: Appris, 2012.

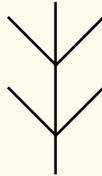
COUTO, Patrícia B. *Festa do Rosário: iconografia e poética de um rito*. Niterói, RJ: EdUFF, 2003.



DELFINO, Leonara Lacerda. O rei dos vivos e dos mortos: culturas atlânticas e os festejos do rosário em São João Del-Rei (séculos xviii e xix). *Fênix – Revista de História e Estudos Culturais*. Julho - Dezembro de 2017 Vol.14 Ano XIV n° 2

EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

FANON, Frantz. *Em Defesa da Revolução Africana*. Trad. Isabel Pascoal. 1ª ed. Portugal: Sá da Costa Editora, 1980.



GARONE, Taís Diniz. *Uma poética da mediação: história, mito e ritual no congado setelagoano – MG*. 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães & PEREIRA, Edmilson de Almeida. *Negras Raízes Mineiras: Os Arturos*. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 1988.

HOOKS, bell. *Olhares negros: raça e representação*. São Paulo: Elefante, 2019a.

_____. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. São Paulo: Elefante, 2019b.

KIDDY, Elizabeth. *Progresso e religiosidade: Irmandades do Rosário em Minas Gerais, 1889 – 1960*. *Revista Tempo*, n° 12, dez., Niterói, RJ: UFF, 2001.

LUCAS, Glaura. Vamo fazê maravilha!?: avaliação estético-ritual das performances do Reinado pelos congadeiros. *Per Musi*, p. 62-66, 2011.

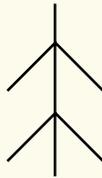
_____. *Os sons do Rosário: O Congado mineiro dos Arturos e Jatobá*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

MARTINS, Leda M. *Afrografia da Memória: O reinado do Rosário do Jatobá*. São Paulo: Perspectiva, Belo Horizonte: Mazza, 1997.

_____. Performances do tempo espiralar. In: RAVETTI, Graciela; ARBAX, Márcia (Orgs.). *Performance, exílio, fronteiras: errâncias territoriais e textuais*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2002, p. 69-91.

_____. A fina lâmina da palavra. *O Eixo e a Roda: revista de literatura brasileira*, v. 15, p. 55-84, 2007.

_____. Performances do tempo e da memória: os congados. *O Percevejo Revista de Teatro, Crítica e Estética*. Rio de Janeiro, ano 11, n. 12, p. 68-83, 2003.



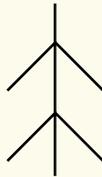
MARTINS, Saul. *Congado: família de sete irmãos*. Belo Horizonte: SESC, 1988.

MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 edições, 2018.

NASCIMENTO, Abdias. A bastardização da cultura afro-brasileira; A estética da brancura nos artistas negros aculturados; Uma reação contra o embranquecimento: O Teatro Experimental do Negro. In: *O genocídio do negro brasileiro*. Processo de um Racismo Mascarado. São Paulo: Perspectiva, 2016.

NEVES, Maria de Fátima Rodrigues das. A família escrava brasileira no século XIX. *Journal of Human Growth and Development*, v. 4, n. 1, p. 65-76, 1994.

NOBLES, Wade. Sakhu Sheti: retomando e reapropriando um foco psicológico afrocentrado. in *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo: Selo Negro, p. 277-297, 2009.



OGUNJÁ, Ogã Cláudio de. *Nação Angola*. Disponível em: <<http://candombleumafamiliadeaxe.comunidades.net/nacao-angola3>>. Acesso em: 26. Set. 2020.

OLIVEIRA, Claudia Marques DE. Cultura afro-brasileira e educação: significados de ser criança negra e congadeira em Pedro Leopoldo-Minas Gerais. 2011

OLIVEIRA, Luciana de. ALTIVO; Bárbara Regina. “Numa encruzilhada, dois campos: a lágrima e a luta nas experiências sagradas do Rosário e do Nhembo’e”. *REVISTA AÇÃO MIDIÁTICA*, n. 18, jul./dez. 2019 Curitiba. PPGCOM - UFPR, ISSN 2238-0701

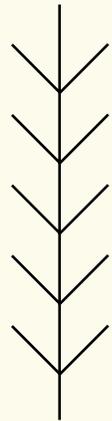
OLIVEIRA, Washington Luis Santos de. Reinado de Oliveira. Fala anotada por Bárbara Altivo em conversa informal em campo. Oliveira-MG, 2017.

PEREIRA, Edmilson de Almeida. Os tambores estão frios: herança cultural e sincretismo religioso no ritual de Kamdombe. Juiz de Fora: Funalfa Edições; Belo Horizonte: Mazza Edições, 2008.

PINTO, MAKOTA VALDINA. Meu caminhar, meu viver/ Sepromi. 2a edição. Salvador - 2015

POEL, Francisco Van der. CONGADO: origens e identidade. Disponível em: <http://www.festejo.art.br/arquivos/Frei%20Chico%20-%20Congado,%20origens%20e%20identidade.pdf>

PONTES, Hugo. O congado em Oliveira: tributo a Leonídio João dos Santos . Poços de Caldas, MG: Sulminas, 2003.



ROCHA, Agenor Miranda. Depoimento. In: LIMA, Walter. Um Vento Sagrado. [documentário]. Rio de Janeiro, 2001, 93". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xJfDOGCTfVU>

RUBIÃO, Fernanda Pires. “Os negros do Rosário: memórias, identidades e tradições no congado de Oliveira (1950-2009).” Universidade Federal Fluminense (Dissertação de mestrado), 2010.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *Colonização, Quilombos: modos e significados*. Brasília: INCTI (Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa), 2015.

SANTOS, Erisvaldo Pereira dos. *Religiosidade, identidade negra e educação: o processo de construção da subjetividade de adolescentes dos Arturos*. Tese de Mestrado em mestre de educação: Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, 1997.

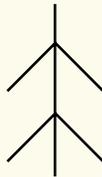
SANTOS, Pedrina de Lourdes. *Formação Transversal em Saberes Tradicionais [Aula]*. Disciplina Catar Folhas: saberes e fazeres do povo de axé. Belo Horizonte, UFMG, 2016a.

_____. *Reinado de Oliveira*. Fala anotada por Bárbara Altivo em conversa informal em campo. Oliveira-MG, 2016b.

_____. *Reinado de Oliveira*. Fala anotada por Bárbara Altivo em conversa informal em campo. Oliveira-MG, 2017.

_____. *Entrevista concedida a Ester Antonieta e Luciana de Oliveira sobre proposta de escrita do primeiro livro da Capitã*. Belo Horizonte-MG, 07/01/2020

_____. *Fala anotada por Ester Antonieta em conversa informal de trabalho de campo*. Juatuba-MG, 11/03/2020



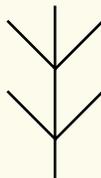
SILVA, Rubens Alves da. Negros Católicos ou Catolicismo Negro? - Um estudo sobre a Construção da Identidade Negra no Congado Mineiro. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1999. (Manuscrito).

SILVA, Rubens Alves da; BARROS, Mônica do Nascimento. O mundo mágico religioso do congado e suas tramas sincréticas. In: Cadernos do Ceas – Centro de Estudo e Ação Social. Salvador, janeiro/fevereiro, nº 197, 2002.

SOARES, Dalva Maria. “*Muita religião, seu moço!*”: os caminhos de uma congadeira. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, p. 175. 2016.

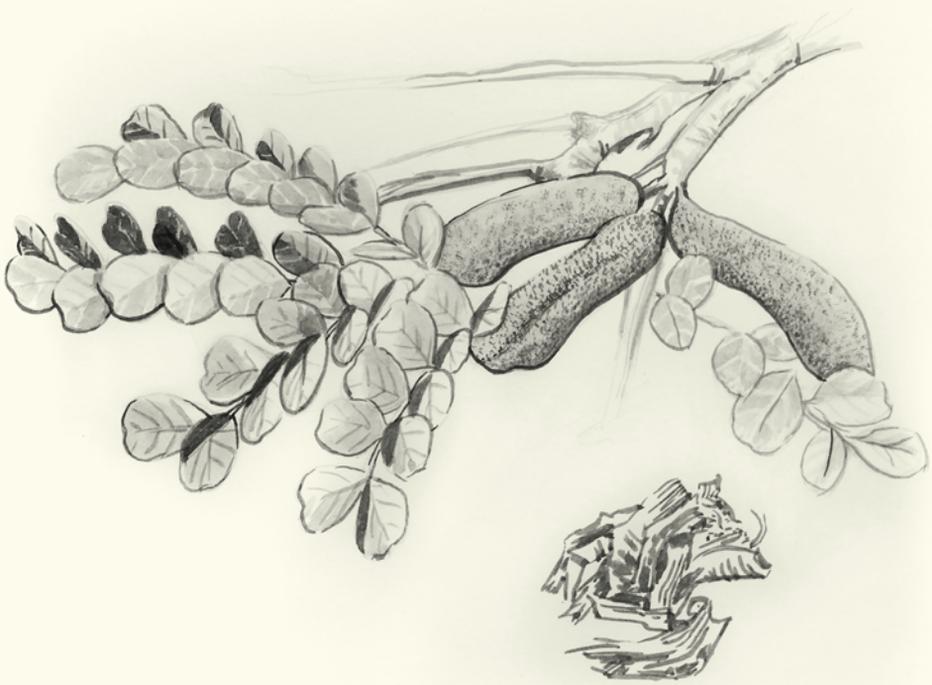
_____. Capitã Pedrina de Lourdes. Belo Horizonte, Segunda Preta, 2018. Disponível em: <http://segundapreta.com/capita-pedrina-de-lourdes/> Acesso em: 19/03/2021.

SOUZA, Marina de Mello e Souza. Reis negros no Brasil escravista: história da festa de coroação de rei congo. BH: Editora UFMG, 2006.



VEIGA, Lucas. As diásporas da bixa preta: sobre ser negro e gay no Brasil. *Tabuleiro de Letras*, Salvador, v. 12, n. 1, p. 77-88, 2018.

VILARINO, Marcelo de Andrade. Festas, cortejos, procissões: tradição e modernidade no Congado belo horizontino. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião). Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2007.



Barbatimão



Créditos

coordenação editorial

Capitã Pedrina de Lourdes Santos

Luciana de Oliveira

organização

Ester Antonieta Santos

Luciana de Oliveira

Equipe redatora

Bárbara Regina Altivo - Doutora em Comunicação Social/UFMG

Dalva Maria Soares - Doutora em Antropologia/UFSC

Ester Antonieta Santos - Filha e aprendiz de Pedrina, Psicóloga, Mestre em Comunicação Social/UFMG

Frederico Mendes de Carvalho - Administrador, Mestre em Estado, Governo e Políticas Públicas da Faculdade Latino-americana de Ciências Sociais - FLACSO, Doutorando em Comunicação Social/UFMG

Luciana de Oliveira - Professora, pesquisadora e extensionista do Departamento de Comunicação Social/UFMG e do PPGCOM/UFMG

Washington Luís Santos Oliveira - Sobrinho e aprendiz de Pedrina, Jornalista com Especialização em Comunicação e Informação Educacional e Empresarial/UNIFCV, Mestrando em Comunicação Social/UFMG

fotografias

André Santos

Cyro Almeida

Davi Marques

Júlia Braga

Júlia Duarte

Myrian Villas Boas

Marco Antônio Sá

Acervo familiar

depoimentos

Alice Pinto - Família Makota Valdina
Ana Luzia - Rainha Konga de Nossa Senhora das Mercês
André Brasil - Departamento de Comunicação Social/UFMG
André Santos - Fotógrafo - Rio de Janeiro - RJ
Amanda Vargas - Vereadora em Oliveira-MG
Cleusa Gonçalves - Rainha Perpétua de Nossa Senhora das Mercês na cidade de Oliveira - MG
Daniele Ramalho - Curadora do África Diversa - Rio de Janeiro - RJ
Davi Marques - Rio de Janeiro - RJ
Fernanda Pires Rubião - Niterói-RJ
Glauro Lucas - Escola de Música/UFMG
Geraldinho - Capitão Mor da Festa do Rosário - Oliveira-MG
José Moreira - Presidente da Comissão Mineira de Folclore
Lúcio Vitalino - Rei Kongo de Nossa Senhora das Mercês - Oliveira-MG
Marco Antônio Sá - Fotógrafo - São Paulo - SP
Mam'etu dya Nkisi Mavulegi - Maria da Conceição - Nzó Atim Oyá Oderim
Terreiro de Kandomblé Angola-Muxicongo/Tat'etu dya Nkisi Odesidoji - Pai
Sidney - Nzó Atim Oyá Oderim Terreiro de Kandomblé Angola-Muxicongo
Maria Goreth - Rainha da Estrela da Guia da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário na Comunidade dos Arturos - Contagem - MG
Maurício Tizumba - Ator, cantor e compositor

revisão final

Júlio Vitorino Figueroa

projeto gráfico

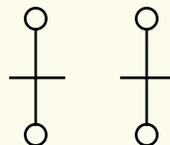
Amí Comunicação e Design

ilustrações

Marconi Marques

diagramação

Talita Aquino



Apoio

Pró-Reitoria de Graduação e Pró-Reitoria de Extensão UFMG/Formação Transversal em Saberes Tradicionais 2014, 2015, 2016, 2017, 2019

Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão de Saberes no Ensino Superior e na Pesquisa - INCTI/UNB

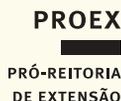
Edital de Demanda Universal Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais - FAPEMIG/2018

Coletivo de Estudos, Pesquisas Etnográficas e Ação Comunicacional em Contextos de Risco - Corisco/UFMG

Fundo Kaiowá e Guarani Paulo Nazareth e Luciana de Oliveira

Nzó Atim Kaiango Ua Mukongo (Juatuba-MG)

Leonídios (Oliveira-MG)





Jatoba

Este livro foi composto pelas fontes Spectral, Kautiva Pro,
Neue Haas Grotesk Display Pro e Aktiv Grotesk; vinculadas
à plataforma Adobe Fonts.
